

AS PANTUFAS DE PEDRO

Roteiro para leitura dramática

Autora: Denise Bernardes

Obra original protegida por direitos autorais

Registrado na Biblioteca  
Nacional

Leblon Filmes Produções  
Artísticas Ltda.

As Pantufas de Pedro - roteiro para leitura dramática.

CENA 1 - ENTRADA DO MUSEU IMPERIAL - INTERIOR - DIA

Um ônibus escolar aproximando-se do Museu Imperial de Petrópolis.

CENA 2 - ÔNIBUS ESCOLAR- INTERIOR - DIA

Dentro do ônibus estão várias crianças entre 9 e 10 anos de idade. Elas estão de uniforme escolar e todas muito curiosas olhando pela janela o imponente Museu Imperial que vem surgindo com seu lindo jardim. Uma das alunas, Maria Felipa, apelido MAFÊ, pega o celular e começa a fazer um vídeo tentando narrar o passeio.

Mafê como se fosse uma apresentadora de TV.

MAFÊ

(animada)

Hoje é dia 7 de setembro de 2022 e estamos chegando ao Museu Imperial de Petrópolis. Esta é a minha turma do colégio Padre Corrêa.

Mafê mostra o nome do colégio grafado na camisa do uniforme escolar para a câmera do celular.

As crianças levantam acenando e gritando para aparecer no vídeo que Mafê está fazendo.

Mafê vira a câmera do celular para a professora

MAFÊ

Esta é nossa professora Leda, ela...

Mafê é interrompida pela professora, que levanta e a repreende.

PROFESSORA LEDA

(enérgica, porém gentil)

Mafê, senta e guarda esse celular!  
Aliás, já falei pra vocês todos, que dentro do museu não poderemos tirar fotos.

O ônibus para na frente do Museu. A professora levanta e fica meio do corredor do ônibus.

PROFESSORA LEDA

(muito paciente e calma)

Atenção! As mochilas de vocês com lanches, caderno e celulares, vão ficar guardadas aqui dentro do ônibus, nos esperando, com nosso querido motorista, o seu José. Não levem nada para dentro do museu!

Enquanto a professora fala, Mafê esconde o celular na parte de trás do cós da sua saia.

PROFESSORA LEDA

Lá dentro do museu vocês receberão umas pantufas para colocar por cima dos sapatinhos de vocês. É para não riscar e estragar o piso original do Palácio Imperial.

Crianças entusiasmadas gritam heeeee!!!

PROFESSORA LEDA

Eu conheço muito bem esse museu. Por isso, hoje eu vou guiar a visita sozinha. Vamos ver algumas novidades e outras coisas que já estudamos em sala de aula sobre esse período do Império brasileiro.

Mas atenção! Lembrem-se do que combinamos na escola: não toquem em nada.

(enérgica e firme)

E é sem fazer barulho nem correria dentro do museu!

### CENA 3 - SAGUÃO DO MUSEU IMPERIAL - INTERIOR -DIA

Todas as crianças da turma gritando, correndo e deslizando com as pantufas, no saguão do Museu. A professora Leda tentando juntar a turma. Mafê encantada com as pantufas, também, sai deslizando. Ela bate de frente com um segurança do Museu.

SEGURANÇA ANDRÉ

(zangado)

Menina! Você não pode correr no museu! Você tem que ficar junto com a sua turma.

MAFÊ

Desculpa seu guarda!

Mafê vai ao encontro da turma que já está controlada pela professora Leda. Eles estão em volta de um quadro de D. PedroII ainda criança. No quadro ele está trajando a farda imperial.

PROFESSORA LEDA

Esse é Dom Pedro II, o dono desse Palácio. Ele tornou-se imperador do Brasil ainda muito criança, com apenas 5 anos. Seu pai, Dom Pedro I, teve que abdicar do trono brasileiro para voltar para Portugal, deixando o filho no Brasil, no seu lugar.

E foi a existência deste Palácio, nesta região, que fez surgir essa nossa cidade de Petrópolis.

MAFÊ

D. Pedro I morou aqui também?

PROFESSORA LEDA

Não, Dom Pedro I comprou esse terreno, mas quem construiu esse palácio foi este seu filho do quadro, D Pedro II.

Vocês já conhecem essa história!

MAFÊ

Sim, eu sei, eu sei: Dom Pedro I visitou nosso colégio Padre Corrêa!

PROFESSORA LEDA

Isso mesmo, Mafê! Foi em 1822 que Dom Pedro I ficou hospedado na fazenda do Padre Corrêa, quando ele teve a ideia de construir um Palácio Imperial nessa região, para ser uma casa de veraneio para a sua família. Ele comprou essas terras, que são próximas da fazenda do Padre Corrêa, onde hoje é o colégio de vocês, aqui em Petrópolis. Nessas terras o seu filho, Dom Pedro II, construiu este Palácio de veraneio. Ele queria trazer a sua família no verão aqui para a serra, onde o clima é mais fresco.

MAFÊ

Quer dizer que o tal Dom Pedroca I nem conheceu este castelo, mas conheceu nosso colégio? E nem pode se refrescar em Petrópolis?

Turma dá risada do jeito de Mafê.

PROFESSORA LEDA

É Palácio Mafê, não é castelo. É, ele não chegou a conhecer esse Palácio. Dom Pedro I morava em outro Palácio, o Palácio Real de São Cristovão, na cidade Rio de Janeiro. Dom Pedro II também residiu lá. Fica na Quinta da Boa Vista e era a residência oficial da família real.

MAFÊ

Aquele que pegou fogo?

PROFESSORA LEDA

É esse mesmo, que infelizmente pegou fogo em 2018. E foram muitas perdas. O museu guardava muita coisa importante, um grande acervo cultural e científico. Uma tragédia mas pelo menos está sendo recuperado. Bem, quem sabe um dia ainda levo vocês para conhecer esse outro palácio.

Bom, crianças, vamos seguir a nossa visita, ainda temos muita coisa para olhar!

Eles seguem deslizando com suas pantufas, acompanhando a professora e sempre sob o olhar atento do segurança André.

CENA 4 - SALA DE JANTAR E SALA DE COSTURA -INTERIOR - DIA

Alunos vão deslizando atrás da professora pelas salas do museu, prestando atenção às explicações. As salas são ligadas umas às outras, formando um verdadeiro labirinto. Eles passam pela sala de jantar indo até a sala de costura.

PROFESSORA LEDA

Esta é a sala de costura. Na época do Império as mulheres eram criadas por seus pais para casar, costurar,

bordar, tocar piano, cuidar da casa e dos filhos. Por isto, esta sala era especialmente só para costura.

CENA 5 - SALA DE MÚSICA E BAILE - INTERIOR -DIA

Professora Leda e a turma na sala repleta de antigos e belíssimos instrumentos musicais.

PROFESSORA LEDA

Esta era a sala de baile e música do palácio. Dom Pedro II e sua esposa, a Imperatriz Teresa Cristina, gostavam muito de música.

MAFÊ

Foi ele que compôs a música que aprendemos essa semana na escola?

PROFESSORA LEDA

Não, a música que vocês aprenderam foi composta pelo pai dele, Dom Pedro I, e a letra é de um jornalista e político da época chamado Evaristo da Veiga. Nós aprendemos uma versão reduzida do Hino da Independência. Em torno da composição da música do hino existem várias suposições e lendas. Uma é a de que o Hino da Independência teria sido composto no mesmo dia da proclamação, que foi dia 07 de Setembro, o mesmo dia que hoje, mas lá atrás, há 200 anos.

MAFÊ

(Mafê começa a cantar)

É esse prof?

Japonês, da Pátria filhos!

PROFESSORA LEDA

Mafê, é "já podeis" da pátria filhos. Lembram?

A Turma toda canta bem alto, Mafê regendo com as mãos

Já podeis, da Pátria filhos

Ver contente a mãe gentil

Já raiou a liberdade  
 No horizonte do Brasil  
 Já raiou a liberdade  
 Já raiou a liberdade  
 No horizonte do Brasil  
 já raio....

PROFESSORA LEDA  
 (enérgica)  
 Gente silêncio! Não pode fazer barulho  
 no museu!

O segurança André olha feio para Mafê, ele já entendeu que é ela quem lidera a turma.

A turma avança deslizando no corredor do Palácio. A professora Leda fala baixinho só para o segurança André.

PROFESSORA LEDA  
 Desculpa a bagunça das crianças.  
 Aquela menina Mafê, é curiosa mas também é muito inteligente. Ela é boa menina, adora história. Tento ter muita paciência, porque a família dela passou por muitas dificuldades nos últimos tempos.

CENA 6 - SALAS DO MUSEU - INTERIOR - DIA

Alunos continuam deslizando atrás da professora pelas salas do museu, ouvindo atentos as explicações e observados pelo segurança André, que nunca perde de vista o grupo. Chegam na sala onde está a coroa de Dom Pedro I e a pena de ouro da assinatura do decreto da lei Áurea.

CENA 7 - SALA DA COROA DE D PEDRO I E DA PENADE OURO DA PRINCESA ISABEL - INTERIOR - DIA

Os alunos admirando a coroa de D Pedro I. Ao lado deles está Mafê, que não tira os olhos de uma outra vitrine que tem uma pena dourada.

PROFESSORA LEDA  
 Como vocês podem ver esta é a coroa de Dom Pedro I, é linda, mas não tem pedras. Na época da coroação de Dom

Pedro II, eles aproveitaram as Pedras da coroa de Dom Pedro I para fazer a coroa do seu filho, Dom Pedro II.

MAFÊ

É reciclagem?

A turma toda ri.

PROFESSORA LEDA

É, é uma forma de reciclagem, sim.

MAFÊ

E essa caneta dourada aqui?

PROFESSORA LEDA

Essa foi a pena com que a princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, assinou a abolição da escravidão em 1888. Infelizmente na nossa história muitos negros foram escravizados, mas eles reagiram. Foram séculos de luta pela liberdade resistindo à exploração, se organizando em quilombos, comprando alforrias e lutando por igualdade.

No século XIX, a luta pela causa envolveu também a sociedade civil. Mas os verdadeiros heróis da abolição foram os negros.

MAFÊ

A minha mãe falou que os meus ancestrais foram retirados da África e forçados a vir para o Brasil para serem escravizados e maltratados.

PROFESSORA LEDA

Eu sei, e vocês já estudaram esse capítulo terrível da nossa história. Na época, pessoas negras da África foram trazidas para o Brasil para serem escravizadas em condições desumanas, anulando sua cultura, o modo de vida, a linguagem, a religião e muitos foram mortos e torturados. E, mesmo depois da abolição, os negros que deixaram de ser escravizados continuaram enfrentando muitos problemas pra sobreviver, sendo explorados pelos donos de fazendas e



engenhos. Até hoje ainda não houve uma reparação para esses graves crimes contra a população negra. Foi isso que deixou de herança para nós o racismo, que é um grande mal na nossa sociedade. E não é só a população negra! Esse genocídio físico e cultural também ocorreu com a população indígena.

E os indígenas, que foram os primeiros habitantes do Brasil, eles é que eram os verdadeiros donos dessas terras.

MAFÊ

Mas prof, Dom Pedro I e Dom Pedro II queriam isso? Escravos no Brasil?

PROFESSORA LEDA

Na verdade, tanto o D. Pedro I quanto D. Pedro II se diziam contra a escravidão. A imperatriz Maria Leopoldina, avó da princesa Isabel e esposa de Dom Pedro I, achava um absurdo um país ter pessoas escravizadas. Mesmo assim demorou muito para que fosse realmente decretada a lei Áurea. Eles alegavam que os interesses econômicos e políticos não permitiam a abolição. Eles eram monarcas, queriam que a monarquia sobrevivesse e governavam sempre com medo de ferir os interesses das classes dominantes, dos donos de terra e do dinheiro que apoiavam a monarquia.

MAFÊ

Mesmo depois da proclamação da independência, as pessoas negras ainda foram escravizadas?

PROF LEDA

Sim, ainda demorou muito, mesmo! Depois da Independência, D. Pedro I teve filho, o D. Pedro II; que teve filha, a Princesa Isabel; e só então, depois de adulta, em 1888, ela assinou a abolição. Mas esse foi um passo que até hoje não resultou em uma sociedade mais justa. Por falar em passos, vamos

seguir. Agora vocês irão ver o Traje Magestático!

CENA 8 - SALA DO TRAJE MAJESTÁTICO - INTERIOR- DIA

Professora Leda com as crianças em torno do traje de Gala da coroação. Um lindo traje com um manto todo bordado, veste e sapato.

PROFESSORA LEDA

Esse é o Traje Majestático. Foi usado por Dom Pedro II em sua coroação. Essa gola chama-se murça. Ela é toda revestida com penas de papos de tucanos.

MAFÊ

Coitados dos tucanos!

Mafê aponta para uma outra vitrine de vidro do lado, onde só tem umas pantufas de criança. Elas têm um braço bordado.

MAFÊ

E essas pantufas, aqui do lado, eram as pantunfinhas de Dom Pedrito criança?

PROFESSORA LEDA

Até que pode ter sido, sim! Essas pantufas são um mistério do museu! Não se sabe a quem elas pertenceram, podem até ter sido usadas por um dos Dom Pedros.

Eles estimam que elas sejam muito antigas, mais antigas que a construção desse palácio, e devem ter vindo da Europa junto com a família real. Se vocês repararem, tem um braço. Este braço foi atribuído ao personagem D. Quixote de La Mancha, criado por Miguel Cervantes, um autor Espanhol.

MAFÊ

Eu sei! Eu sei quem é Dom Quixote, eu ví no desenho na TV!

Mafê começa a contar e encenar a história de Dom Quixote. O segurança André só observa atento.

MAFÊ

É um cavaleiro que usa uma armadura e luta contra um moinho de vento, achando que é um monstro gigante. Ele vai com tudo contra o moinho, mesmo quando o seu melhor amigo Sancho Pança tenta avisar que é roubada, que ele vai dar de cara na parede e se quebrar todinho!

(Mafê para e pensativa)

Mas o que essa história tem a ver com a família real, professora?

PROFESSORA LEDA

Bom, o que se sabe sobre isso é que antes de a família real vir morar no Brasil, eles moravam no palácio de Queluz em Portugal. No Palácio de Queluz tinha um quarto todo decorado com episódios da história de Dom Quixote. E esse era o quarto que Carlota Joaquina, a mãe de Dom Pedro I, mais gostava! Foi onde Dom Pedro I nasceu e foi nele que, aos 35 anos de idade, ele acabou morrendo. Nesse mesmo quarto, em Portugal. Talvez essas pantufas tenham vindo de lá!

MAFÊ

(triste)

Coitado, morreu tão novo? Achei que minha avó tinha morrido nova, mas ela já tinha mais de 70 anos.

(com entusiasmo e admiração)

Ela era tão forte, bonita e inteligente!

PROFESSORA LEDA

Eu lamento tanto por sua avó, Mafê!

Naquela época as pessoas morriam cedo mesmo, não tinha ciência e medicina avançadas. Mas até para aquela época ele morreu novo, mesmo.

(mudando de assunto)

De qualquer forma, temos aqui umas pantufas misteriosas.

Existe no Museu uma lenda que diz que essas pantufas são mágicas.

MAFÊ  
 (falando com ela mesma)  
 Mágicas!

PROFESSORA LEDA  
 Bom, vamos seguir turma!

Turma segue atrás da professora. Mafê fica paralisada, encantada com as Pantufas.

Mafê percebe que tem um código digital na vitrine das pantufas. Mafê continua na sala, espera todos saírem, pega o seu celular e aponta para o código. Um holograma com a figura de Dom Quixote surge para ela.

O segurança André aproxima-se de Mafê. Ele achou que ela estava querendo fotografar as pantufas. Mafê toma um susto com a presença do segurança, baixa o celular e o holograma desaparece.

SEGURANÇA ANDRÉ  
 (enérgico e amedrontador)  
 Não pode fotografar dentro do museu,  
 Menina! Você tem que seguir com a sua  
 turma.

Mafê segue para a próxima sala indo ao encontro da turma que segue acompanhada pelo segurança André.

CENA 09 - SALA DO QUADRO DA INDEPENDÊNCIA -INTERIOR - DIA

Professora Leda está descrevendo para as crianças a tela "A proclamação da Independência", que está no fundo da sala. Silenciosamente, Mafê entra e vai juntar-se ao grupo.

No quadro temos no centro da tela a imagem de Dom Pedro I montado em um cavalo, segurando seu chapéu em saudação às pessoas que o cercam. As pessoas retratadas a sua volta, que supostamente deveriam representar o povo brasileiro, na verdade mais parecem camponeses com traços e vestes européias. Eles são homens, mulheres, crianças, velhos e soldados em seus cavalos. Eles também acenam e se congratulam de maneira festiva. O cenário é um descampado com uma vegetação típica dos trópicos, com uma discreta casa branca ao fundo.

Nas outras paredes da sala tem mais 4 retratos: uma pintura de Dona Maria Leopoldina primeira esposa de D. Pedro I, uma da Imperatriz Amélia segunda esposa do imperador D. Pedro I e dois quadros com Dom Pedro I no seu elegante uniforme de gala.

Professora Leda explica aos alunos o quadro ao fundo da sala, "A proclamação da Independência."

PROFESSORA LEDA

Hoje é 7 de Setembro de 2022, data estipulada para a comemoração dos 200 anos da independência do Brasil. E apesar desse museu não ter uma relação direta com o momento da proclamação da Independência, eu quis trazer vocês aqui hoje, muito por conta dessa sala, que tem este quadro que tenta retratar o momento da proclamação. E eu gostaria de analisar esse quadro histórico com vocês.

Essa é uma pintura importante e chama-se "A proclamação da Independência", mas somente foi pintada em 1844, pelo francês François-René Moreaux. Ela foi feita por encomenda, a pedido do Senado Imperial, vinte anos depois. A princípio ela deveria retratar o grito do Ipiranga, quando D. Pedro I, em 07 de Setembro de 1822 estava a caminho de São Paulo e recebeu cartas com notícias da Princesa Maria Leopoldina sua esposa, do seu ministro José Bonifácio e do cônsul britânico Henry Chamberlain.

Estas cartas fizeram com que D. Pedro I rompesse com Portugal. Ele tinha ido para a província de São Paulo para conter uma rebelião. D. Pedro I deixou, durante sua ausência, a princesa Maria Leopoldina como sua representante legal no Rio de Janeiro. Ela, que estava como regente provisória, naquele momento foi pressionada pelas cortes portuguesas que queriam que o Brasil se submetesse a elas, virando colônia novamente, e que D. Pedro I desistisse da regência e regressasse à Portugal. Essas cartas foram enviadas por um mensageiro para D. Pedro. Na carta de Maria Leopoldina fica claro que ela já tinha decidido pela Independência do Brasil. Maria Leopoldina pede que D. Pedro I também

o faça.

D. Pedro estava no caminho da sua viagem, passando pela região onde fica a colina do Ipiranga, quando recebeu as cartas.

Naquela época as viagens eram feitas em cavalos, lombo de burro, mulas e, em alguns percursos, caminhando mesmo. Por isso essas cartas demoraram 5 dias para chegar nas mãos de D. Pedro I.

MAFÊ

Se fosse hoje, era só mandar mensagem no celular, né prof?

PROFESSORA LEDA

É verdade!

Mas olhem o que aconteceu:

Maria Leopoldina tinha forte influência política sobre D. Pedro I, e ele resolveu ali mesmo romper com Portugal. A ideia era unificar um Brasil que estava muito dividido, vocês sabem como é ruim um país politicamente dividido, né?

Relatos dizem que foi ali, nas margens do Ipiranga, que D. Pedro I deu o famoso grito.

MAFÊ

(gritando)

Independência ou Morte!

PROFESSORA LEDA

(fazendo com a mão gesto para falar mais baixo)

Mafê! Fala baixo! Mas foi isso mesmo. Se olharmos com atenção para esse quadro que foi encomendado anos depois daquele dia, podemos ver que ele não tem muita relação com o que realmente deve ter acontecido naquela tarde na beira do riacho. Estas crianças, mulheres e homens, pouco se assemelham à população brasileira. Uma cena

idealizada pelo pintor, muito diferente do que deve ter acontecido naquele momento. Aliás, nós nunca saberemos ao certo o que realmente houve no Riacho Ipiranga, naquela tarde. Mas esse foi apenas um dos momentos, tiveram outros momentos importantes e muitas batalhas pela independência. Portugal reagiu, não aceitando o rompimento, e mandou navios de guerra. Mas o povo resistiu bravamente. Este dia 07 de Setembro foi um dia importante, mas não foi o único. Escolheram ele para essa comemoração, para sempre eternizado com esse grito

(fala baixinho)

"Independência ou Morte!"

MAFÊ

Eu vi na internet que D. Pedroca Primeirão tinha comido alguma coisa estragada nesse dia e estava com muita dor de barriga, já pensou?

Mafê faz o gesto segurando a barriga e falando independência ou morte.

MAFÊ

Independência ou morrrrrrte!

A turma ri do jeito de Mafê.

PROFESSORA LEDA

(reprovando com a cabeça)

Essa Mafê! Mas é verdade, tem registros nas cartas que encontraram daquela época. Dizem que ele não estava nada bem naquele dia. Quem sabe se não foi naquela casinha branca, ali atrás, no quadro, que conseguiram um remédio para curar a dor de barriga de Dom Pedro I? E ele pode finalmente dar o famoso grito.

Aliás, hoje essa casa é conhecida como "Casa do Grito".

MAFÊ

E se ele não tivesse tomado o remédio? E senão tivesse recebido as cartas? Se

não tivesse concordado com a princesa Maria Leopoldina , se não tivesse sido assim? E se tivesse voltado para Portugal? O Brasil não existiria?

PROFESSORA LEDA

Não tem como saber, mas provavelmente seria tudo muito diferente. Talvez o Brasil tivesse se dividido, ou teria virado república antes. E nós talvez nem estivéssemos aqui, agora, neste museu. Esse museu nem existiria.

MAFÊ

(pensativa)

Entendi!

Mas aquela outra pintura que tem no nosso Livro, prof?

PROFESSORA LEDA

Bem lembrado! Existe essa outra pintura, até mais famosa, é a pintura "Independência ou Morte", de Pedro Américo, que está no livro de vocês, mas também foi encomendada e não traduz a realidade, é idealizada e pintada depois. Tem espadas, representa uma visão bem militar e bélica do momento.

MAFÊ

Mas não tem nenhum retrato desse dia?

PROFESSORA LEDA

(rindo)

Ainda não tinha fotografia, nem internet, muito menos celular, né Mafê? Naquela época eram os pintores que registravam os retratos, os momentos e feitos importantes. O fato é que a independência do Brasil não se deu apenas nesse momento. Tiveram muitas lutas e muitos heróis e heroínas nessa independência, que costuma ser atribuída somente a D. Pedro I. Ainda bem que a história está sempre sendo reescrita conforme os estudiosos e pesquisadores vão descobrindo novas informações, que



ficaram escondidas muitas vezes por interesses políticos, motivações racistas e até por puro machismo. As mulheres foram grandes guerreiras pela independência e sua participação foi por muito tempo apagada dos livros de história. Como falamos a pouco é inegável a importância da princesa Maria Leopoldina na estratégia política da independência do Brasil.

Leda aponta para o quadro na outra parede,

PROFESSORA LEDA

Aquela é a Imperatriz Maria Leopoldina. Maria Leopoldina, foi uma arquiduquesa da Áustria, uma princesa. Ela era muito culta. Gostava de arte e ciência, a sua coleção de mineralogia foi base para o acervo do museu nacional. O museu nacional fica no palácio real da Quinta da Boa Vista, aquele que falamos a pouco, o que pegou fogo, lembram?

A princesa Maria Leopoldina fez do Brasil o seu lar e lutou politicamente por ele. Com a separação do Brasil de Portugal, ela tornou-se a Imperatriz do Brasil e Dom Pedro I, o Imperador. Leopoldina colocou Maria na frente de seu nome quando veio para o Brasil casar-se com D Pedro I.

MAFÊ

Ela parece com você Prof Leda, só que vamos combinar que a prof é mais bonitinha, né!

Turma reage bem humorada é,é,é....

PROFESSORA LEDA

(acha graça)

Obrigada Mafê. Quem sabe eu tenha um antepassado distante parente da princesa Maria Leopoldina.

MAFÊ

Na novela da TV eu vi que o marido dela, o tal Dom Pedroca I, era bem mulherengo.

PROFESSORA LEDA

(séria e doce)

Tem muitos relatos que reprovam o comportamento do imperador, dizendo que ele tratava muito mal a princesa Maria Leopoldina. Ele não tinha a mesma cultura dela, e sabia disso. De uma certa forma, admirava a esposa, mas, mesmo assim, não foi legal no casamento com ela. Dizem que em geral tinha um comportamento muito instável, com todas as pessoas.

MAFÊ

(fala imitando a mãe)

Minha mãe fala que, quando é assim, é porque é um homem "tóxico" em um "relacionamento abusivo!"

PROFESSORA LEDA

(não se contém e ri)

É isso mesmo!

Quando a Maria Leopoldina faleceu, e isso foi muito jovem, ele se casou novamente com a princesa Amélia, que se tornou sua imperatriz.

Professora Leda apontando para o outro retrato ao lado do de D. Pedro I.

Aquela ali, do outro retrato, é a Imperatriz Amélia. Hoje os três estão enterrados juntos na Cripta Imperial, no Parque da Independência. O mesmo local onde D. Pedro deu o famoso grito em São Paulo. Só coração de D. Pedro I ficou em Portugal.

MAFÊ

Esse que trouxeram para passear no Brasil?

PROFESSORA LEDA

(irônica)

Esse mesmo.

MAFÊ

Prefiro o coração da Maria Leopoldina. Acho que eu iria gostar muito da princesa Maria Leopoldina.

## PROFESSORA LEDA

O povo adorava Dona Maria Leopoldina. Mas existiram outras mulheres muito importantes no processo de separação entre o Brasil e Portugal. Uma delas tem o nome igual ao seu, Maria Felipa. É a Maria Felipa de Oliveira, da ilha de Itaparica, que também é Baiana como você, Mafê.

## MAFÊ

Eu sei, eu sei! Minha mãe me deu esse nome por causa dela. Eu nasci na ilha de Itaparica, lá na Bahia, e meu nome é em homenagem a essa Maria Felipa de Oliveira. Eu gosto que me chamem de Mafê, mas eu sou Maria Felipa, só que de Barros. Depois de eu ter nascido lá em Itaparica, a patroa da minha mãe foi transferida para Petrópolis e fez uma proposta de trabalho para minha mãe vir com ela. Minha mãe aceitou e nós viemos. Minha mãe, que chama Maria Paula de Barros, adora Itaparica, mas gosta muito daqui também. Ela diz que adotou Petrópolis no seu coração, e hoje, lá onde moramos, ela é líder comunitária. Na minha área todo mundo conhece a minha mãe.

(triste)

Depois minha mãe trouxe minha avó.

A minha avó, que se chamava Maria Rosa, me contava muitas histórias do passado, dizia que eram sobre a nossa "ancestralidade".

## PROFESSORA LEDA

Mas você sabe que, além das poderosas Marias da família da Mafê, tem mais outras 2 baianas, que também se chamavam Maria e foram importantes nas lutas pela nossa independência? Elas viveram na época da Maria Felipa de Oliveira. E cada uma lutou a seu modo.

Uma foi a Joana Angélica que era religiosa, e foi cruelmente morta enquanto tentava defender o convento contra as tropas Portuguesas.

E teve a Maria Quitéria, que se passou por homem para conseguir alistar-se como soldado para lutar pela independência do Brasil. Naquela época mulher não podia ser soldado. A Maria Quitéria era tão boa nas batalhas, mas tão boa que o próprio D. Pedro I, sabendo da sua participação nas guerras pela Independência do Brasil, recebeu ela na corte dando-lhe a comenda de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. E graças a esse gesto de D. Pedro I ela acabou ganhando muita notoriedade pública, e até hoje ela é um importante símbolo para o movimento feminista.

E tem uma outra personagem histórica baiana, que lembra muito você Mafê, e desta vez não é a Maria. A Urânia Vanério, também conhecida como Baianinha. Ela foi uma personagem histórica importantíssima que ficou por muitos anos no anonimato. Ela ainda menina, com 10 anos, publicou textos contra o exército Português que estava invadindo Salvador. Ela escrevia em forma de versos que foram parar na corte no Rio de Janeiro. Esses poemas foram impressos, mas sem o nome dela. Os textos se chamavam "Lamentos de uma Baiana", e foram publicados um pouco antes da proclamação da Independência. Já a Maria Felipa de Oliveira, xará da nossa Mafê, era uma mulher negra, capoeirista, pescadora e marisqueira. E era conhecida como líder de grupos de mulheres negras chamado "As Vedetas". Era um exército de mulheres guerreiras e estrategistas que atuaram na luta pela libertação da dominação portuguesa na Bahia. As vedetas da Ilha de Itaparica e do Rio Paraguassu eram ganhadeiras, ou seja, eram escravas de ganho que deviam produzir uma renda e entregar uma parte aos seus senhores. Por essa condição, elas tinham mais mobilidade de ação que os escravizados das fazendas.

Elas foram fundamentais nas guerras da independência. O engajamento dos escravizados na luta pela independência incluía uma esperança de serem libertados. Essas lutas da independência na Bahia só terminaram quase um ano depois desse episódio do grito do Ipiranga. Foram muitas batalhas e muitos heróis anônimos na nossa independência de Portugal.

MAFÊ

Por isso, prof, eu estava querendo fazer aquele vídeo dessa nossa visita. Mas já sei que não pode! No fim do vídeo eu ia contar uma história sobre a Maria Felipa de Oliveira. Foi minha avó quem me contou essa história. E tem a ver com essas tais de Vedetas. Você sabe prof, o quanto eu gosto de contar histórias!

PROFESSORA LEDA

Eu sei, se sei! Como sei!

Só para eu explicar para vocês o porquê de ser proibido fotografar aqui no museu: os flashes das fotos podem danificar as obras. E também não tem como controlar filmagens, as pessoas podem esbarrar nas peças do acervo, já pensou? Eu acho tão boa essa visita, só observando e conversando com vocês sobre a história, sem câmeras na frente da gente. Não sei se vocês perceberam, mas tem QR CODE no cantinho das obras expostas no museu. Onde tem informações online para celular. Mas como não pode fotografar, achei melhor nem trazer os celulares para dentro do museu.

E depois na sala de aula, poderemos fazer uma visita virtual do site do museu, que tem vários vídeos e fotos do acervo, e assim vamos relembrar e aprofundar os assuntos e tirar alguma possível dúvida que tenha ficado. E vocês irão ver que tiveram várias outras mulheres e homens que se

destacaram naquela época. Vamos estudar tudo em sala de aula. Vocês vão gostar, foram muitas batalhas difíceis, mas tiveram algumas com bastante aventuras, personagens e momentos bem interessantes. Este ano vamos também estudar a importante e fundamental história dos povos Africanos.

MAFÊ

(com as mãos unidas em suplica)  
Mas Prof, posso contar rapidinho uma super aventura da Maria Felipa? Deixa? Por favor? Por favor?

PROFESSORA LEDA

Não existem muitos registros históricos tradicionais sobre Maria Felipa, as histórias sobre ela fazem parte da memória popular.

Provavelmente existiram muita outras mulheres como a Maria Felipa, muitas outras Marias que foram apagadas da nossa história.

Mas sim Mafê, pode contar. Afinal ela foi muito importante. Rapidinho, hein!

Mafê conforme vai contando vai fazendo acena usando gestos com mãos e o corpo.

MAFÊ

Bom, como a prof já falou, ela era uma líder das lutas pela independência. Ela ficava de olho nos portugueses que desciam dos barcos à noite para roubar a vila e lutar contra os rebeldes. Naquela noite Felipa avistou 40 embarcações portuguesas se aproximando. Ela reuniu o grupo das Vedetas e teve uma ideia muito boa: quando os portugueses estacionaram os barcos para atacar, elas se aproximaram todas enfeitadas com flores e ofereceram bebida para esses homens bobos, e quando eles já estavam bêbados, elas tiraram das suas cinturas as folhas de cansação que estavam escondidas entre as flores e

deram uma surra com a planta neles. Essa planta queima e arde causando coceira no corpo. Enquanto eles pulavam de dor e se coçavam inteiros, elas foram até os navios e com tochas e colocaram fogo nas 40 embarcações. Os portugueses ficaram sem casa, comida e munição e tiveram que desistir do ataque.

PROFESSORA LEDA

Muito boa essa história da Mafê, né turma?

A turma aplaude!!!

MAFÊ

Eu sou Maria Felipa, só que de Barros. Minha mãe colocou esse nome querendo que eu fosse tão corajosa quanto essa Maria Felipa aí.

Ah! Minha avó, quando eu nasci me deu esse colar aqui:

Mafê mostra o colar no seu pescoço.

É o símbolo das Vedetas. Ele chama Sankofa, e é um pássaro Africano com a cabeça voltada para trás. Minha avó dizia que simboliza a importância de aprender com o passado, e que a tradução do Africano é  
(Mafê pensativa para lembrar a tradução)  
"volte e pegue".

PROFESSORA LEDA

Que lindo Mafê! Que simbologia bonita! Eu mesma não conhecia esse símbolo. Que bacana! Isso é muito importante, e percebi agora que o que estamos fazendo aqui no museu hoje é exatamente isso " Voltar e pegar" Aprender com o passado para construir um futuro melhor.

E ainda bem que temos os museus para poder olhar para o nosso passado, né turma?

MAFÊ

Prof, só acho que na época eles deveriam é ter também encomendado para os pintores quadros dessas mulheres guerreiras todas.

PROFESSORA LEDA

(concordando e rindo)

É verdade, é uma grande verdade! E homens também, tiveram muitos heróis que não foram retratados na nossa história, nem nos quadros, nem nos livros.

Bom turma, depois dessa bela contribuição da nossa Mafê, vamos seguir a visita para outras salas do Museu.

Professora segue com a turma.

Mafê fica olhando para a pintura de D Pedro I. Entra um pássaro na sala. O pássaro vira a cabeça igual ao Sankofa do seu colar. O pássaro voa de volta para o corredor. Mafê intrigada vai atrás do pássaro.

CENA 10 - CORREDOR DO MUSEU - INTERIOR - DIA

Mafê segue o pássaro que vai para o corredor no sentido contrário ao da professora e sua turma. Mafê entra de volta na sala do Traje Majestático, seguindo o pássaro.

CENA 11 - SALA DO TRAJE MAJESTÁTICO - INTERIOR - DIA

O pássaro pousa em cima da vitrine onde estão as pantufinhas. Mafê não resiste, pega seu celular e aponta para o código digital, e novamente aparece o holograma do Dom Quixote. O holograma abre a vitrine, o pássaro voa para fora da sala. Dom Quixote entrega as pantufas para Mafê. Encantada com tudo o que está acontecendo, ela as aceita e calça por cima de seus sapatos deixando as outras pantufas dadas pelo museu no chão. Entra o segurança André na sala e a pega novamente em flagrante. Mafê assustada, e ainda com as pantufas de Dom Quixote nos pés, sai deslizando pelo outro lado da sala. O Segurança André vai atrás dela.

CENA 12 - SALA DE COSTURA - SALA DE JANTAR - INTERIOR - DIA

O segurança André corre atrás de Mafê pelas salas do museu. Ela esbarra em um vaso na mesa de centro da sala de costura, que voa pelos ares. André, que está atrás dela, consegue



pegar o vaso e o coloca de volta, intacto, no lugar. Mas perde a menina de vista.

CENA 13 - SALA DO QUADRO DA INDEPENDÊNCIA -INTERIOR - DIA

Mafê retorna deslizando para a sala do quadro da independência, corre em direção à parede do quadro olhando para trás com medo que André entre na sala. Quando se vira, percebe que já está muito perto do quadro e não consegue mais parar. Antes de chocar-se com o quadro, o holograma de Dom Quixote no cavalo aparece à sua frente e ele abre o quadro como se fosse um quebra cabeça de tijolinhos sendo desmontado. Ele vai sucessivamente abrindo paredes da história para Mafê passar com suas Pantufas, desmontando várias camadas de cenas das lutas pela independência.

São retratos de cenas pintados das batalhas nas províncias de norte a sul do Brasil, onde participaram negros, pardos, brancos pobres, indígenas e mulheres. Cenas de Maria Felipa incendiando barcos, joana Angélica na porta do convento impedindo a entrada das tropas portuguesas, Maria Quitéria em batalhas, Urânea Vanério colando panfletos nas ruas e Maria Leopoldina escrevendo as cartas. Depois dessa última pintura com a princesa Maria Leopoldina, Mafê cai rolando em um gramado. O Dom Quixote holográfico continua galopando neste gramado até desaparecer no horizonte atrás da colina às margens do Ipiranga.

CENA 14 - MARGENS DO IPIRANGA - EXTERIOR -DIA

Mafê cai no gramado e rola até uma moita de capim bem alto, do lado tem um burro bebendo água no riacho.

De trás da moita surge Dom Pedro I, que estava de cócoras e vai se levantando assustado vestindo rapidamente suas calças e ao mesmo tempo reclamando com seu sotaque lusitano.

D.PEDRO I

(bravo)

Que passa por cá? Nessa terra não se pode mais nem obrar em paz!

Mafê levanta assustada e confusa.

MAFÊ

Desculpa moço, mas eu caí aqui. Eu não sei o que aconteceu comigo. Mas calma, tá!

Mafê abana com a mão na frente do seu nariz.

Mas que cheiro é esse? É essa a obra que o senhor está fazendo aí atrás, é?

E digo mais, isso não é lugar de fazer suas necessidades na beira do rio, não! Onde já se viu! Até esse burro, que está bebendo água ali, sabe que onde se bebe água não se pode fazer nem número 1, nem número 2! Grande obra essa que o senhor está fazendo aqui, hem? Por isso é que os rios estão todos poluídos!

D. Pedro olha de cima a baixo para Mafê.

D.PEDRO I

Quem sois vós, miúda? E quem é número 1 e quem é número 2?

MAFÊ

(confusa)

Não sabe? Deixa pra lá! Eu sou Maria Felipa de Barros.

(gaguejando um pouco)

Eu, eu estava visitando o museu Imperial com a minha turma do colégio e acho que atravessei a parede do palácio e cai aqui no jardim do Museu.

Mafê percebe o que falou, e se vira para trás e não vê Museu nenhum.

É parece estranho isso!

Hummm, já sei você é de alguma peça de teatro que vai ser encenada no jardim do museu hoje?

D.PEDRO I

Que é isso? Estais louca, estais a ver algum palácio, algum teatro por cá? Sou vosso príncipe regente. Estou cá com a comitiva em viagem para província de São Paulo.

MAFÊ

Nossa... é você Pedroca? Nem reconheci, você está acabado e todo sujo, diferente do retrato. Bem que a professora Leda falou que era tudo fake news!

(se dando conta)  
Peraí...em que ano estamos?

D.PEDRO I  
Ora pois, 1822, não sabes?

MAFÊ  
Que dia é hoje?

D.PEDRO I  
7 de setembro.

MAFÊ  
Caraca!!!Tá de brincadeira?

Vem chegando dois homens, um se chama Raphael, que é negro e veste roupas bem simples de criado, e o outro é um homem branco com roupas nobres. Os dois com trajes de época do Império, sujos de viagem. O segundo chama-se Chalaça, e é a cara do segurança do Museu.

CHALAÇA  
(mesmo ator de André o segurança  
do museu Imperial)  
Viemos ver como estais, vossa alteza.

Chalaça já agarrando Mafê pelo colarinho do uniforme

CHALAÇA  
E essa miúda aqui, está a vos  
importunar, vossa Alteza?

Mafê vai se desvencilhando.

MAFÊ  
Não me agarra assim, não, ô! Seu  
brutamontes.

Mafê olha bem para a cara de Chalaça.

Ih, o cara aí! Tô te reconhecendo  
hein, moço!

D.PEDRO I  
(rindo)  
Chalaça larga ela, é só uma miúda que  
apareceu por cá do nada. Deve ser  
filha de alguma escrava de um  
fazendeiro desta região.

MAFÊ

(indignada)

Peraí, peraí! Pó pará. Minha mãe não é escravizada. E eu sou do colégio Padre Correia, olha aqui.

Mafê mostra o nome do colégio no uniforme.

chalaça lê alto a inscrição no uniforme da menina.

CHALAÇA

Padre Correia. Hum, ela parece que pertence a fazenda do nosso amigo Padre Correia.

D.PEDRO I

Pois é verdade e já estivemos lá esse ano, mas é tão longe. Miúda, como chegastes até a cá? Como?

MAFÊ

Eu sou daquela área sim, e estudo lá.

E você seu Chalaça é igualzinho ao segurança do museu do palácio Imperial, que é um chatão. Como dizia minha avó "você deve ter deixado família por lá".

D.PEDRO I

Não duvides, não duvides! Esse Chalaça está sempre a namorar as raparigas!

Gostei de ti, miúda.

Maria Felipa de Barros, já ví que tens coragem.

Chalaça, que tal devolverdes esta miúda para o Padre Correia?

CHALAÇA

Alteza, ela é só a filha de uma criada. Deve ter fugido. Não vamos perder tempo com essa miúda fujona.

MAFÊ

Peraí, peraí. Olha como fala! Acho já sei o que está acontecendo aqui. Eu viajei no tempo e cai aqui, em

1822. Eu sou de 2022. Vim do Futuro.  
Sou uma viajante do tempo!

D.PEDRO I  
(rindo)  
És do Futuro!?!

Eles riem de Mafê, que começa a falar, e contando e gesticulando sem parar. Vai desenrolando a história bem a seu modo, enchendo o espaço com sua figura expansiva e eloquente. Eles prestam atenção.

MAFÊ  
Eu sei o que aconteceu! Eu devo ter cruzado a parede como acontece no metrô do filme Harry Potter. Esse menino bruxo chamado Harry Potter cruza a parede do metrô na plataforma 9  $\frac{3}{4}$  para ir à escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts.

Faz uma pausa para lembrar

E tem um episódio que esse mesmo menino bruxo viaja para o passado através do colar "Vira Tempo", dado pela profê Minerva para a Hermione. A Hermione é uma amiga do Harry Potter na escola de bruxos.

Na verdade eu já ví outros filmes e desenhos sobre isso de viagem no tempo, tem muitos!

Ah! Tem um que eu vi com a minha vó, que eu adorei "De volta para o Futuro" 1, 2 e tem o 3.

A história do Marty que é um menino que tem um amigo velho cientista, o Dr Brown, que constrói um carro e eles voam para o passado. Que nem eu fiz agora com essas pantufas, voei e vim parar aqui. Fizeram um desenho desse filme o "Rick and Morty", mas minha mãe não deixa eu ver, é para adulto. Mas tem agora o "Rick and Morty baby", mas tem que ter assinatura do canal a cabo e custa dinheiro e a gente não tem pra isso. Sabe como é?

(pensativa e entusiasmada)

Pensando bem, eu posso ter entrado em um portal de dimensões paralelas com dobras no tempo, ou em uma realidade alternativa, talvez tenha entrado em um túnel no tempo-espaço, ou quem sabe estou em um jogo no Metaverso, ou ainda talvez eu tenha caído num buraco de minhoca no universo.

Mafê percebe que D Pedro I, Chalaça e Raphael, estão de boca aberta hipnotizados olhando para ela, que não parou de falar.

MAFÊ

(sem graça)

Desculpa, acho que ficou puxado pra vocês, né? Afinal estamos em 1822!

Pedro começa a se contorcer de dor de barriga

D.PEDRO I

Aiii!!! minha barriga.

CHALAÇA

Estais vendo, estamos cá perdendo tempo com essa miúda louca, vossa alteza não ouça as besteiras desta aí. Vamos sentar na sombra daquela árvore na colina com o resto da comitiva. A alteza precisa recuperar-se para seguir viagem. Vossa Alteza viemos cá também avisar-vos de que parte da comitiva e a guarda de honra estão descansando em uma casinha logo ali atrás da colina.

MAFÊ

Isso boa! Bora obrar longe do rio!  
Pelamordedeus!

Mafê percebe o que está acontecendo. Ela deixa eles se afastarem, pega o seu celular no cós da saia e tenta ligar, mas está sem sinal.

MAFÊ

(fala pra ela mesma)

Sem sinal, claro! E agora?

Ela pega o celular e começa a gravar um vídeo.

MAFÊ

(como se fosse uma apresentadora de TV)

Estou aqui na cena da proclamação da Independência no ano de 1822. Como cheguei aqui? Ainda não sei direito, o fato é que viajei no tempo! Aqui não tem sinal de internet, mas vou gravar tudo com meu celular como prova da minha viagem no tempo e, também, para vocês verem como foi o dia do grito do Ipiranga. Eles aqui não tão acreditando que eu vim do futuro. É puxado mesmo pra eles!

(para e pensa um pouco)

Quando der eu mostro o celular para o Dom Pedroca, e tiro uma self com ele!

Agora preciso garantir a minha volta para casa.

(pensativa)

Pela lógica dos filmes, acho que tenho que procurar uma situação parecida com a que me encontrava antes de viajar no tempo.

Vamos ver!

(para e pensa mais um pouco)

Vamos ver... Eu estava no Palácio Imperial de Petrópolis deslizando com essas pantufas do Dom Quixote.

Mafê mostra as pantufas nos seus pés para a câmera.

Quando me deparei com o quadro *fake* da Independência e esbarrei nele. Daí fui transportada para esse século nesse exato dia da proclamação.

Vamos ver! O Museu Imperial ainda não foi construído. Segundo a minha professora, foi bem depois da proclamação da Independência que construíram o Palácio Imperial de Petrópolis. O quadro também não existia nessa época aqui, porque só hoje é que ainda vai rolar o tal "Grito do Ipiranga", e eu sei que o quadro foi pintado muito depois. Pelo jeito, eu só tenho as pantufas que me trouxeram até aqui.

Gente, acho que estou enrascada! Eu preciso arrumar um Palácio Imperial com uma parede e um quadro da região Petrópolis. Vou ver se o Dom Pedroca ali me ajuda nessa!

Agora preciso desligar, tenho que economizara bateria.

Aqui é Maria Felipa Barros falando do passado.

Mafê esconde novamente o celular no cós da saia.

CENA 15 - COLINA DO IPIRANGA - EXTERIOR - DIA

Mafê vai até a colina do Ipiranga, onde encontra-se D. Pedro , Raphael, Chalaça. Estão também Padre Belchior (um Padre Mineiro que está acompanhando a viagem) e alguns outros membros da comitiva. Todos em torno de D. Pedro.

MAFÊ

(fazendo reverência irônica)

Com licença! Peço uma audiência com vossa alteza real, o príncipe regente!

D.PEDRO I

Claro miúda. Senhores essa é a minha mais nova amiga a senhorita Maria Felipa de Barros. Podes falar, ô miúda!

MAFÊ

Podem me chamar de Mafê. Mas é sério, preciso que me levem junto com vocês. Preciso voltar para casa!

Chalaça revira os olhos.

D.PEDRO I

Pois bem miúda, ainda iremos à São Paulo antes de voltar para o Palácio Real da Quinta da Boa vista. E terias que esperar por lá até surgir uma oportunidade para a levar-te à fazenda do Padre Corrêa. É uma viagem como tu mesma o disseste, puxada, pois acho que assim posto, posso devolver-te para a fazenda.



CHALAÇA

Meu príncipe, estais louco! Essa pequena só vai nos atrasar.

D. PEDRO I

A propósito de atraso, podemos partir, pois já estamos deveras atrasados.

MAFÊ

NÃO! Antes do grito, NÃO!

D.PEDRO I

Que grito?

MAFÊ

Eu falei gripe. Acho que vossa alteza precisa tomar um chá antes de partir para se recuperar totalmente. Eu mesma vou lá naquela casinha branca buscar um remédio. Deve ter pelo menos um chazinho por lá.

D.PEDRO I

Não é gripe, é cólica.

RAPHAEL

Concordo com ela, um chá vai fazer bem para vossa alteza real.

CHALAÇA

Pois, também, tenho que concordar. Vossa alteza passou a viagem inteira apeando do cavalo para vos prover. Melhor recuperar-vos antes de voltarmos para a estrada.

D.PEDRO I

Então vá você Raphael, e leve a Miúda. Tragam esses remédios. Ficaremos por cá a esperar mais um pouco. Assim os animais, a guarda e a comitiva podem também descansar, não é mesmo?

CENA 16 - CASA DO GRITO - INT/EXT - DIA

Mafê e Raphael vão à casa do grito, onde está a tal guarda de honra que na verdade são sertanejos com fardas simples e imundas da viagem. Raphael vai falar com uma mulher que está servindo água e umas frutas para os viajantes. Mafê aproveita a ausência de Raphael e começa a gravar com seu celular.

MAFÊ

(como se fosse uma apresentadora  
de TV)

Estou aqui na frente da famosa "Casa  
do Grito".

Aquele grito do Dom  
Pedroca "Independência ou Morte!"

Eu aprendi nos filmes que viagens no  
tempo podem ter sérias repercussões.  
No filme "De volta para o Futuro" o  
Dr. Brown diz que quem viaja para o  
passado, não deve fazer nada que  
altere os fatos desse passado, porque  
pode dar problemas seríssimos no  
presente que virou futuro, deu pra  
entender? Segundo a patroa da minha  
mãe, tem a teoria do caos, que as  
coisas estão todas interligadas.  
Imagina se o fato de eu estar aqui  
possa fazer com que altere alguma  
coisa no Brasil, e que por  
consequência acabe impedindo o meu  
nascimento. Hã!

Ai meu Deus! Eu preciso me lembrar  
como foi que tudo aconteceu nesse dia  
da proclamação, ainda bem que sou  
ótima aluna em história do Brasil!  
Apesar de que, a minha prof disse que  
os fatos que realmente aconteceram  
podem não ser exatamente como estão  
descritos nos livros, nos quadros, nos  
filmes ou como aprendemos no colégio.  
Acho que o que não pode ser mesmo  
alterado é o resultado. Eu não quero  
ser apagada da história.

Mafê faz gesto com a mão de cortar a garganta.

Então, tenho que convencer o Pedroca a  
proclamar a tal independência hoje,  
porque é "Independência ou Morte".

Mafê percebe que Raphael, que já saiu da casa, está ao seu  
lado vendo ela gravar o vídeo.

MAFÊ

Raphael você estava aqui o tempo todo?  
Você também deve achar que eu sou

biruta, lelé da cuca, doida varrida,  
lunática, maluquete?

RAPHAEL

Eu creio em você! Pra mim você é  
Orunmilá.

MAFÊ

O que é um Orunmilá?

RAPHAEL

Òrúnmílà a divindade oracular  
detentora da sabedoria e dos segredos  
que governam o mundo e a vida das  
pessoas.

É encarregado de organizar e ordenar o  
mundo nos caminhos do bem.

MAFÊ

De certa forma ser viajante no tempo  
pode ser isso. Mas tô achando que não  
é coisa de deuses africanos, não! Uma  
menina negra de 2022 e um negro que  
foi escravizado em 1822 juntos, isso  
mais parece que estamos envolvidos em  
uma trama de filme Afro-futurista.

RAPHAEL

Eu trabalho como criado na casa da  
família real. A maioria dos negros não  
são livres. Porém se a Mafê veio do  
futuro, ela deve saber quando a  
escravidão vai acabar? Isso que  
vosmecê estava falando, acontecerá  
hoje? É a abolição?

MAFÊ

Não, ainda não é a abolição! O que  
precisa acontecer hoje é o D. Pedro  
proclamar a independência do Brasil de  
Portugal. E vai ser aqui, nas margens  
do Ipiranga, hoje. Isso TEM que  
acontecer!

RAPHAEL

Então vamos cuidar do príncipe. A Dona  
lá na casa diz que tem uma senhora  
curandeira indígena, que mora em uma  
oca no caminho do riacho. A senhora

indígena já é muito idosa mas muito sábia. Quando os indígenas foram expulsos daqui da terra, ela não conseguiu fugir e ficou ocupando um canto ali atrás, só ela com a sua família. Vamos até lá ver se ela nos ajuda com algum chá para o príncipe.

MAFÊ

Vamos!

CENA 17 - CAMINHO BEIRA DO RIACHO - EXTERIOR -DIA.

Raphael e Mafê seguem andando pela beira do Ipiranga. Chalaça vem atrás deles e cerca os dois. Ele agarra Mafê e leva para o riacho ameaçando jogá-la na correnteza. Ela esperneia deixando as pantufas caírem no riacho e a água leva. Ela se debate desesperada gritando.

MAFÊ

As Pantufinhas, pega Raphael, pega as pantufas!!!

Raphael tenta pegar mais não consegue, as pantufas afundam no Riacho Ipiranga.

RAFHAEL

(Grita)

Larga essa menina!

CHALAÇA

Eu vou dar um sumiço nessa miúda. Ela só vai nos atrapalhar na viagem. E você, Raphael, vai ficar bem quieto ou te corto a garganta também.

Mafê dá um ponta pé na canela do Chalaça ese desvencilha dele.

Raphael dá um rabo de arraia de capoeira em Chalaça, pega a menina pela mão e corre com ela, enquanto Chalaça fica no chão se contorcendo de dor.

CENA 18 - CAMINHO DA OCA INDÍGENA - EXTERIOR -DIA

Mafê e Raphael tomam distância de Chalaça e continuam andando em direção à oca. Eles passam por uma fazenda com pessoas negras escravizadas e acorrentadas trabalhando debaixo de sol forte. Presenciam um homem negro sendo açoitado.

MAFÊ

Vou lá também, dar um chute na canela daquele carrasco. E você Raphael, que luta capoeira, dá um golpe nele.

RAPHAEL

Não adianta, o covarde não está sozinho, tem capangas. Eles vão matar a gente.

Raphael segura a menina. Ela segue chorando baixinho e triste. Ele esconde a sua raiva e enxuga as lágrimas de Mafê.

RAPHAEL

Tomara que essa independência liberte o meu povo.

MAFÊ

Raphael, a abolição vai acontecer sim, mas vai demorar. A minha avó dizia que a escravidão é um trágico capítulo da história da humanidade e nós nunca nos recuperamos totalmente dele. No meu tempo ainda vivemos as consequências disso. Sabes?

Mafê segue de cabeça baixa até eles localizarem a Oca.

#### CENA 19 - OCA INDÍGENA INTERIOR - DIA

Pequena oca, onde estão Raphael, Mafê, a senhora indígena e um menino indígena que traduz tudo que eles falam no ouvido da senhora.

RAPHAEL

Minha senhora com licença. Estamos de passagem por essas redondezas com a comitiva do príncipe regente D. Pedro. Precisamos muito da sua ajuda para curar uma forte dor de barriga que o nosso príncipe regente está sentindo. Segundo nossa pequena vidente aqui, hoje D. Pedro, às margens do riacho vai proclamar a Independência do Brasil de Portugal. E para que isso aconteça precisamos muito da sua ajuda.

O menino fala no ouvido da senhora indígena, e ela entrega uma porção de um chá já pronto em uma garrafinha de barro. E começa a separar algumas plantas e folhas para eles levarem

durante a viagem. São folhas de goiabeira, louro, guirlandas de Macela e outras folhas e flores. Também entrega algumas sementes para Raphael. Faz um sinal com a mão que indica misturar tudo.

MAFÊ  
(se dirigindo ao menino.)

Será que ela teria umas folhas  
cansação para eu levar comigo?

O menino fala no ouvido da senhora, que sorri para Mafê e esconde no meio das folhas e flores alguns ramos de cansação, com galhos bem compridos para segurar. Pede para Mafê se aproximar, abraça a menina proferindo algumas palavras em tupi-guarani e depois coloca a guirlanda de ervas, flores e cansação camuflado no entorno da cintura da menina.

Mafê retribui o abraço e convida o menino indígena e toda a sua família para irem com eles até a colina. Mafê e Raphael vão avisando todas as pessoas que encontram no caminho de volta que o príncipe regente está na colina e vai fazer o anúncio da independência. Os poucos moradores na região ficam muito animados e vão-se dirigindo para lá. Raphael vai até a fazenda e convence o feitor e os capatazes de irem e levarem os escravizados. Ele também avisa aos tropeiros que passam pela estrada. Um violeiro com uma carroça oferece carona a Mafê e Raphael. Mafê vai convidando crianças pelo caminho. Quando eles estão quase chegando, Chalaça está esperando no mesmo local do riacho, dessa vez com dois guardas armados com suas espadas em punho. Eles param na frente da carroça.

Chalaça apontando para Mafê.

CHALAÇA  
O senhor pode passar, mas eu fico com  
esta miúda.

Mafê entrega um ramo de cansação para Raphael e um para cada criança. E quando eles tentam tirá-la da carroça, eles atacam Chalaça e os guardas no rosto com a planta. Eles colocam as mãos no rosto por causa da ardência e da coceira que as folhas da planta causam. As crianças aproveitam que eles estão protegendo os olhos e enchem as camisas e as calças deles com folhas de cansação. Eles ficam pulando de coceira e ardência. Seu José e Raphael embarcam as crianças novamente na carroça e seguem para a colina. Conforme a carroça sobe a colina eles vão vendo Chalaça e os dois Guardas tirarem as roupas por causa da coceira e se jogarem no Riacho Ipiranga.

## CENA 20 - ALTO DA COLINA DO IPIRANGA - EXTERIOR- DIA

No alto da colina do Ipiranga, de baixo de uma árvore. D Pedro I gentilmente fala e cumprimenta as pessoas que estão chegando para vê-lo. Mafê e Raphael chegam com o chá para D. Pedro, ele toma o chá e já quer partir.

D.PEDRO I

Raphael e Maria Felipa, muito agradecido, pois que este chá é milagroso! Já me sinto bem melhor. O que estas pessoas estão a falar? Elas não vieram aqui só para ver-me, falam em proclamação da independência? E, aliás onde meteu-se Chalaça? Sem mais delongas, precisamos partir.

Mafê fica desesperada, porque as cartas ainda não chegaram e o príncipe quer partir. Ela resolve abrir o jogo com ele.

MAFÊ

Dom Pedroca, por favorzinho Vossa Alteza precisa acreditar em mim! Eu vim do futuro, e por isso sei que hoje vai ser um dia muito importante para o Brasil. Hoje e aqui, o príncipe vai proclamar a independência brasileira de Portugal. E esse dia vai entrar para a História.

Pronto falei!

D Pedro , que está em um estado deplorável, todo sujo e muito cansado, olha para Mafê arrasado e com cara de incrédulo.

D.PEDRO I

Lá vem a miúda com essa história de viagem no tempo. Realmente tu és uma figura bastante estranha. Vieste da fazenda do Padre Correia e para lá vais voltar.

RAPHAEL

Acredite Dom Pedro! É verdade, a pequena está falando a verdade.

Raphael se dirigindo à Mafê.

Mostra o espelho do futuro para ele Maria Felipa.

Mafê tira o celular do cós da saia e mostra para Dom Pedro aquele primeiro vídeo que gravou da chegada dela com a turma do colégio no Palácio Imperial de Petrópolis.

MAFÊ

Esse é o Palácio Imperial que seu filho Imperador D. Pedro II vai construir perto da fazenda do Padre Corrêa.

D Pedro olha a gravação e fica todo cabreiro e curioso. Devolve o celular para Mafê. Ela pega o celular de volta, aponta para ele, e começa a gravar a reação de D.Pedro falando.

D.PEDRO I

Vosso aparelho é impressionante! É uma pintura que se move? É um jogo de sombras chinês? Maria Leopoldina é que gostaria de ver isso! Mas não prova essa tua história de viajante do futuro.

Mafê termina de gravar D Pedro I falando e mostra para ele.

MAFÊ

E isso, como vossa alteza explica?

D. PEDRO I

Como fizeste isso, miúda? Como conseguiste me botar falando nessa caixinha?

MAFÊ

(firme)

Então príncipe, por favor presta atenção!

Eu vim do século XXI, esse é um aparelho celular, e tá longe de ser dos melhores. Sim, eu viajei no tempo e vou precisar da sua ajuda para voltar pra casa. Mas o que eu sei é que nesse dia 07 de Setembro de 1822 você, D. Pedro I, às margens do Ipiranga, vai receber cartas de Maria Leopoldina e José Bonifácio e do cônsul britânico Henry Chamb.....Chambler..



D.PEDRO I  
 (corrige a pronúncia pensativo)  
 CHAMBERLAIN?

MAFÊ  
 Esse mesmo!

E por causa destas cartas vai  
 proclamar a independência do Brasil  
 com o grito

(alto estufando o peito)  
 "Independência ou morte."

Mafê vira e dá de cara com Chalaça chegando com os dois guardas com a cara toda inchada e cabelo molhado.

D.PEDRO I  
 Onde estavas, Chalaça? Algum bicho deve ter te mordido a fuça. Foram abelhas africanas? Estás perdendo o que a Maria Felipa está a me mostrar. Maria Felipa colocou-me dentro desse espelho do futuro. Acho que a Miúda veio mesmo do tal futuro! Ela convenceu-me, pois, que realmente não é desse tempo, e está a dizer-me que hoje vou receber cartas de Maria Leopoldina e Bonifácio pedindo para decretar a nossa independência de Portugal. Crês?

CHALAÇA  
 Estais louco meu príncipe! Deixe essa miúda, ela está mentido. Ela e Raphael atacaram-me.....

D Pedro I interrompe o relato de Chalaça, ele avista os mensageiros.

D.PEDRO I  
 Olhem lá, acho que são dois mensageiros.

D Pedro apreensivo devolve o celular para Mafê.

CHALAÇA  
 Deve ser urgente, estou a reconhecer e é o oficial Bregaro e o major Ramos Cordeiro, devem trazer mensagem do Palácio.

MAFÊ

Eu não disse! Eu sabia! Ufa!

Bregaro e Antônio Ramos entregam as cartas para D. Pedro, que abre e lê. D. Pedro lê em voz baixa e vai ficando furioso.

OBS: D Pedro lendo ouvimos a voz de Maria Leopoldina

MARIA LEOPOLDINA

(a mesma atriz que faz a professora Leda)

"Pedro, o Brasil está como um vulcão. Até no paço há revolucionários. Até oficiais das tropas são revolucionários. As Cortes Portuguesas ordenam vossa partida imediata, ameaçam-vos e humilham-vos. O Conselho de Estado aconselha-vos para ficar. Meu coração de mulher e de esposa prevê desgraças, se partirmos agora para Lisboa. Sabemos bem o que têm sofrido nossos pais. O rei e a rainha de Portugal não são mais reis, não governam mais, são governados pelo despotismo das Cortes que perseguem e humilham os soberanos a quem devem respeito. Chamberlain vos contará tudo o que sucede em Lisboa. O Brasil será em vossas mãos um grande país. O Brasil vos quer para seu monarca. Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio, ele fará a sua separação. O pomo está maduro, colhei-o já, senão apodrece. Ainda é tempo de ouvirdes o conselho de um sábio que conheceu todas as cortes da Europa, que, além de vosso ministro fiel, é o maior de vossos amigos. Ouvi o conselho de vosso ministro, se não quiserdes ouvir o de vossa amiga. Pedro, o momento é o mais importante de vossa vida. Já dissestes aqui o que ireis fazer em São Paulo. Fazei-o, pois. Tereis o apoio do Brasil inteiro e, contra a vontade do povo brasileiro, os soldados portugueses que aqui estão nada podem fazer. Maria Leopoldina ".

D. Pedro fica desnordeado e entrega as cartas para o padre que está ao seu lado.

D.PEDRO I

Padre Belchior, leia alto, por favor.

O padre lê alto as cartas de José Bonifácio e do cônsul Britânico Henry Chamberlain, que concordam com tudo o que a de Maria Leopoldina disse na dela. Contam que as cortes Portuguesas chamam D.Pedro I, com desprezo, de "rapazinho brasileiro."

D. Pedro, tremendo de raiva, arranca das mãos do Padre as cartas, as amassa e joga na relva. Mafê apanha os papéis na grama e devolve para o Padre Belchior.

MAFÊ

Padre é melhor guardar muito bem essas cartas com o senhor.

(enfática)

Guarde essas cartas padre!

O Padre coloca as cartas no bolso da batina.

Mafê fala no ouvido de Raphael.

MAFÊ

Raphael, por favor avisa o povo que está chegando e os que já estão aqui esperando para ficarem juntos na encosta da colina, que D. Pedro vai fazer o anúncio já, já.

Enquanto isso D. Pedro se aconselha com o Padre Belchior.

D.PEDRO I

E agora Padre Belchior?

O Padre respondeu para D. Pedro:

"Se vossa alteza não se faz rei do Brasil, será prisioneiro das cortes e, talvez, deserddado por elas. Não há outro caminho se não a independência e a separação".

D. Pedro ouve o Padre, puxa Mafê e sai andando pela colina. Chalaça vem atrás para ouvir a conversa deles.

D.PEDRO I

Maria Felipa, tu que vieste do futuro, fale-me o que eu devo fazer agora?

MAFÊ

(impaciente)

Proclamar a independência, "Independência ou Morte". Lembra?

CHALAÇA

E se as províncias e o povo não vos apoiar, se houver levantes e Portugal mandar navios com soldados para vos atacar? Magnânimo, ouça este seu amigo e súdito fiel.

MAFÊ

(firme)

A professora disse que Portugal mandou

navios e soldados, sim. Mas o povo das províncias lutou ao seu lado. Várias mulheres corajosas vão defender o Brasil. Uma chamada Maria Quitéria vai até se vestir de homem para lutar como um soldado.

Chalaça ri.

D.PEDRO I

(jocosos)

Se uma mulher vestir-se de soldado para lutar pelo Brasil, eu prometo conferir para esta pessoa a comenda de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro.

MAFÊ

Isso, isso mesmo! Mas não esquece, porque isso será muito importante para as mulheres no futuro.

D.PEDRO I

Eu Juro! Pois tem mulher soldado no século XXI?

MAFÊ

Claro! Tem em todas as profissões, inclusive jornalista, que é o que eu quero ser. Mas nessa época aqui eu sei que tem uma menina de 10 anos que escreveu no jornal do Rio de Janeiro um panfleto, "Diário de uma baianinha".

CHALAÇA

Sim, é verdade. Saiu no Diário do Rio de Janeiro. Como sabes?

MAFÊ

E tem uma outra moça que também se chama Maria Felipa, na Bahia, que junto com outras mulheres vão desarmar uma frota inteirinha de soldados Portugueses. Elas irão surrá-los com folhas de cansaço, que dá a maior coceira. E depois vão atear fogo nos barcos deles.

Mafê, olha para própria cintura, onde ainda tem algumas folhas de cansaço camufladas com ervas e flores, pisca o olho para Raphael e encara séria Chalaça.

Raphael ri, e Chalaça abaixa a cabeça.

D.PEDRO I

(rindo)

Grande baiana! Chalaça, vou mandar-te para a Bahia, para conhecerdes de perto essa Felipa. E contai-lhe sobre as folhas de cansação, porque se ela não fez, o fará.

Então, quer dizer que o povo brasileiro vai apoiar-me Maria Felipa?

MAFÊ

Vai sim. Segundo a minha professora muitos heróis anônimos de todas as províncias lutaram pela independência. E no futuro vai ter até estátua do Imperador.

Pedro sorri vaidoso.

D.PEDRO I

Estátua, da minha pessoa!

MAFÊ

Aqui e em Portugal. O Imperador também será rei de Portugal. Mas precisa proclamar a Independência antes. Hoje! agora! Bora lá proclamar, logo!

Chalaça faz cara de "Sei não".

D.PEDRO I

(Falando sozinho)

Imperador do Brasil!

(decidido)

Sim, preciso agir. Na carta do ministro José Bonifácio ele escreve que o dado está lançado, e de Portugal não temos o que esperar, senão escravidão e horrores.

Pedro vai até onde está o Padre Belchior e fala bem alto.

D.PEDRO I

(alto e imponente para todos ouvirem)

Padre Belchior, se eles querem, eles terão a sua conta. As cortes me perseguem, chamam-me com desprezo de

rapazinho brasileiro. Pois verão agora o quanto vale o rapazinho. De hoje em diante, estão quebradas as nossas relações. Nada mais quero com o governo português e proclamo o Brasil, para sempre, separado de Portugal.

As poucas pessoas que estavam ali perto deles e ouviram, respondem com entusiasmo:

- Viva a Liberdade! Viva o Brasil separado!

D. Pedro vira-se para o ajudante de ordens.

D.PEDRO I

Diga à minha guarda que eu acabo de fazer a independência do Brasil. Estamos separados de Portugal.

O ajudante de ordem cavalga em direção a casa do grito para avisar os outros.

D. Pedro coloca-se em montaria, puxa Mafê para sua garupa. Todos se colocam em montaria e descem até a metade da encosta, indo em direção da casa do grito de onde também está saindo a Guarda de Honra e o resto da comitiva. Todos param diante das pessoas que ali estão esperando o anúncio de D. Pedro.

CENA 21 - MEIA ENCOSTA DA COLINA, A CERCA DE 400 METROS DO RIACHO IPIRANGA - EXTERIOR - DIA

O povo das redondezas, que Rafael e Mafê chamaram na estrada avisando da presença de D. Pedro e prometendo um anúncio importante para aquela tarde já estava lá. São homens e mulheres, escravizados, capatazes, capangas, fazendeiros, o senhor Luís da carroça, crianças e a família de indígenas.

Alguns tropeiros que estavam passando na hora também pararam para ver o que estava acontecendo.

A guarda de honra e o restante da comitiva também chegam ao local. Mafê desce da garupa de D. Pedro.

MAFÊ

D. Pedro, vou registrar a proclamação com a câmera do meu celular, digo com o meu "Espelho do Futuro". Tudo bem? Não esquece do grito. "Independência ou Morte", bem alto. Eu faço assim com o dedo (Mafê faz sinal de joiinha)

quando estiver pronta. E não olha para a câmera!

Mafê na frente da cena como se fosse repórter.

MAFÊ

Estamos aqui na cena do grito do Ipiranga.

Ela vira a câmera do celular apontando para eles, e faz sinal joinha para D. Pedro.

D.PEDRO I

(bem alto e imponente)

Amigos, as cortes portuguesas querem mesmo escravizar-nos e perseguem-nos. De hoje em diante nossas relações estão quebradas. Nenhum laço nos une mais.

Arranca do chapéu o laço azul e branco, decretado pelas cortes como símbolo da nação portuguesa, atira-o ao chão.

D.PEDRO I

Laço fora, soldados! Viva a Independência e a liberdade do Brasil.

TODOS

Viva ao Brasil independente! Viva D.Pedro"!

O príncipe desembainha a espada, acompanhado pelos militares. Os acompanhantes civis tiram os chapéus.

D.PEDRO I

Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil.

Todos gritam: "Juramos!"

Mafê vai até D Pedro, que se abaixa no cavalo para ouvir o que ela tem a dizer

MAFÊ

Faz uma sem a espada, só com o chapéu. A espada é um pouco agressiva. Fica de opção. E não esquece: termina com "Independência ou Morte!"

Mafê vai até Raphael, que está montado em uma mula, e

cochicha algo no ouvido também.

D. Pedro embainhou novamente a espada, no que foi imitado pela guarda, pôs-se à frente da comitiva e voltou-se, ficando em pé nos estribos.

D.PEDRO I

Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será "Independência ou Morte"!

Pedro ergue o chapéu, e todos erguem os chapéus para a saudação.

TODOS

Independência ou Morte!

Raphael vai para a frente da câmara, tira o chapéu e grita.

RAPHAEL

Viva os brasileiros índios, negros e pobres!!!!!!

TODOS

VIVA!!!!!!

Mafê bate uma foto com Raphael na frente, ergue o celular se colocando em primeiro plano, tira uma self, e comemora. O povo, os soldados e a comitiva se congratulam.

Mafê vai novamente até Pedro.

MAFÊ

Eu sei outra coisa sobre esse dia.  
Você compôs o hino da independência.

D.PEDRO I

Eu não posso compor agora um hino. Não tenho uma letra uma poesia, uma melodia. Isso leva tempo.

MAFÊ

Diz que a letra era de um tal.....

Mafê fica pensa um pouco.

MAFÊ

Um tal... já sei: Evaristo da Veiga!

Chalaça que está de ouvidos em pé no papo da Mafê com D. Pedro I responde.



## CHALAÇA

O Evaristo da Veiga é um jornalista separatista. Aliás, antes de sairmos em viagem, ele pediu-me para entregar-vos essa poesia.

Chalaça entrega o papel para D Pedro:

D. Pedro I lê em silêncio.

## D.PEDRO I

Mafê pede o papel para Dom Pedro, e reconhecendo a letra do Hino que ela já havia aprendido no colégio.

## MAFÊ

**Isso! é essa quase essa letra, bem parecida com a versão que aprendi na escola.**

Mafê começa a cantar um trechinho com a melodia que ela já conhece.

(cantando)

**Já podeis, filhos da Pátria.**

## MAFÊ

**Fica melhor cantar como aprendo da pátria Filho.**

Já podeis, da pátria filhos

Ver contente a mãe gentil

Já raiou a liberdade

No horizonte do Brasil

Mafê e Pedro seguem cantando juntos. Pedro apreendendo.

## PEDRO E MAFÊ

(cantando)

Brava gente brasileira

Longe vá, temor servil

Ou ficar a pátria livre

Ou morrer pelo Brasil

DOM PEDRO I

Que bela música! Quem fez?

MAFÊ

D. Pedro I! O Senhor fez ou vai fazer?  
E agora é a melhor hora para lançar  
esse hino.

D. PEDRO I

Pois, se eu fiz, vamos cantar.

MAFÊ

(entusiasmada)

Mafê pega o celular.

Estamos aqui na Colina do Ipiranga,  
onde D.Pedro I vai laçar em primeira  
mão o Hino da Independência, se liga  
aí!

D.PEDRO I

Amigos! vamos cantar a música que será  
o nosso hino da Independência.

Pedro lendo no papel e cantando com entusiasmo,

D.PEDRO I

Já podeis, filhos da pátria.

D PEDRO I

Melhor dizer como a miúda disse "Da  
Pátria filhos"

(D. Pedro I repete)

Já podeis, da pátria filhos

Ver contente a mãe gentil

Já raiou a liberdade

No horizonte do Brasil

Refão:

Brava gente brasileira!

Longe vá, temor servil

Ou ficar a pátria livre

Ou morrer pelo Brasil

Os grilhões que nos forjava  
Da perfídia astuto ardil  
Houve mão mais poderosa  
Zombou deles o Brasil

Todos cantam juntos com D. Pedro.  
Houve mão mais poderosa  
Houve mão mais poderosa  
Zombou deles o Brasil

Brava gente brasileira!  
Longe vá, temor servil  
Ou ficar a pátria livre  
Ou morrer pelo Brasil

Não temais ímpias falanges  
Que apresentam face hostil  
Vossos peitos, vossos braços  
São muralhas do Brasil

Brava gente brasileira!  
Longe vá, temor servil  
Ou ficar a pátria livre  
Ou morrer pelo Brasil

Parabéns, ó brasileiro  
 Já, com garbo juvenil  
 Do universo entre as nações  
 Resplandece a do Brasil

Brava gente brasileira!  
 Longe vá, temor servil  
 Ou ficar a pátria livre  
 Ou morrer pelo Brasil

(obs: Usamos qui somente o refrão e as estrofes 1, 2, 7 e 9 da versão original. Porque estas estrofes não sofreram modificações com o tempo , salvo o primeiro verso do poema, que é ligeiramente alterado para "Já podeis da pátria filhos".)

Eles repetem todos juntos em um tipo "musical da independência". O momento vira uma festa de abraços, cantorias e chapéus para o alto. Mafê grava tudo e no fim tira uma foto.

MAFÊ

(Mafê fala com Raphael)

Isso vai fazer um sucesso no Tik Tok!  
 Quero ver alguém duvidar de mim depois  
 de assistir essas filmagens. Agora  
 todos saberão como tudo realmente  
 aconteceu nesse dia!

Mafê tira uma self com Raphael e vai até D. Pedro.

MAFÊ

Dom Pedroca, posso tirar uma self com  
 o Imperador?

D.PEDRO I

Self?

Pedro coloca novamente Mafê na sua garupa. E já vai falando

com intimidade com a câmara.

D.PEDRO I  
Serei Imperador para unir todas as  
províncias desse imenso Brasil.

MAFÊ  
É foto Dom Pedroca, é foto!!!

Mafê tira uma self com D. Pedro. E mostra o celular para Pedro ver como ficou a filmagem. Pedro se espanta.

D.PEDRO I  
Pois, Raphael está na minha frente no  
quadro final? Por que miúda?

MAFÊ  
Não ligue pra isso. É que achei que o  
Raphael representava bem o povo  
Brasileiro. Merecia, como diz a minha  
professora, um protagonismo na  
história.

Pedro entrega o celular para Chalaça.

D.PEDRO I  
O que achas disso Chalaça?

Mafê coloca o vídeo no ponto para ele assistir. Chalaça pega o celular. Ele primeiro olha incrédulo, mas toma uma atitude intempestiva.

CHALAÇA  
O que é isso? bruxaria!

Chalaça joga o aparelho no chão contra uma pedra. O celular se arreventa.

Mafê desesperada desce da garupa de Pedro, pega o celular todo quebrado e começa a chorar. Pedro desce e vai consolar a menina.

D.PEDRO I  
Calma miúda, agora vamos levar-te para  
casa, e lá você arruma um novo.

MAFÊ  
Ninguém mais vai acreditar em mim!

D.PEDRO I  
Eu acredito em ti. E pelo visto

Raphael e agora Chalaça também acreditam, pois.

D. Pedro I fulmina Chalaça com o olhar.

D. PEDRO

E desculpai o sacripanta do Chalaça.

Pedro olha com raiva pra Chalaça novamente. Chalaça baixa a cabeça.

D.PEDRO I

Ele tem essa mania de querer-me proteger. E diga-se de passagem, é função dele. Mas ele exagera um tanto.

(se dirigindo a Chalaça)

E tu, o que fizeste? Não tinhas o direito de quebrar o Espelho do Futuro de guardar lembranças da miúda. Pois eu iria mostrar para sua Alteza Maria Leopoldina, quando chegássemos na Quinta. Ela iria adorar essa invenção do futuro.

Mafê minha grande miúda, no dia de hoje eu sou muito grato a você e Maria Leopoldina pelas vossas ajudas nessa decisão da Independência. E a miúda tem razão, as mulheres foram as pessoas que fizeram esse momento acontecer, tu e Maria Leopoldina. Vós não merecestes essa brutalidade da parte do sacripanta do Chalaça.

Pedro tira uns ramos de Macela da cintura de Mafê faz uma coroa e coloca na cabeça da menina.

D.PEDRO I

A miúda agora está consagrada a Princesa Maria Felipa de Barros do séc XXI.

Mafê para de chorar e sorri.

Chalaça, tens que parar com essa implicância com a Princesa do séc XXI. Ela agora é da realeza, e debes respeito e reverências reais a ela. E a vossa punição será levá-la na vossa garupa por todos os caminhos da viagem, inclusive os mais difíceis em

que tereis que apeiar das mulas para seguir viagem.

CENA 22 - CAMINHO DE VOLTA AO RIO - EXTERIOR -DIA

Chalaça carregando Mafê nos ombros. Mafê contando das maravilhas do futuro para Chalaça, Raphael e Dom Pedro. Eles estão andando ao lado de suas mulas bem atrás da guarda de honra e da comitiva.

Mafê fala dos aviões, do cinema e da televisão, da chegada do homem a lua, dos robôs, da internet, dos transplantes de órgãos humanos, dos parques de diversão, das vacinas, dos bebês de proveta.

CHALAÇA

Então seria fácil providenciar um herdeiro para o trono. Fazer um herdeiro dentro da jarra de vidro como se fosse um refresco. Ora pois!

MAFÊ

(rindo)

Chalacinha, até que você não é tão mau assim! Poderia ser um vilão engraçado em um filme de comédia.

D.PEDRO I

(debochando de Chalaça)

Dizei-nos se ele também não seria o melhor burrico de carga que eu poderia vos ter arranjado nesta viagem?

E por falar em arranjos, precisamos providenciar uma bandeira para essa nova nação brasileira!

Gostaria que tivesse as cores verde e amarelo.

O verde representa a Casa de Bragança de Portugal do Imperador e o amarelo a casa de Habsburgo de Imperatriz Maria Leopoldina da Áustria.

MAFÊ

A nossa bandeira tem mesmo estas cores. Eu aprendi na escola que o verde representa as matas, o amarelo o ouro. Ouro vocês acabaram com ele e as matas estão destruindo o que ainda nos

resta.

RAPHAEL

São as cores de Orunmilá. Simbolizam poder e sabedoria.

MAFÊ

Minha mãe diz que as pessoas têm feito mau uso da nossa bandeira. Eu tenho uma bandeira na minha casa, mas eu só saio com ela nos dias de jogo do Brasil.

D.PEDRO I

Jogo do Brasil?

MAFÊ

É. O futebol. Ainda não conhecem? Eu jogo na escola. É muito bom, é a paixão dos brasileiros e nós somos ótimos nisso, os melhores! É um esporte que se joga com uma bola e tem que colocar dentro de uma goleira e fazer o gol. Quando fazem o gol saem correndo comemorando e gritando.

Mafê levanta o braço gritando bem alto,

Goooooool!!!!!!

Pedro acha graça e desembainha a espada repetindo o mesmo gesto do grito do Ipiranga só que gritando Gooooool. Todos repetem o gesto de Pedro, inclusive aguarda que está um pouco mais adiante. Só Raphael que não. Ele olha espantado para Mafê.

D.PEDRO I

Gooooool!

TODOS

Gooooool!

MAFÊ

(achando graça para Raphael)  
Que bando de puxa-sacos, hein!

D.PEDRO I

Pois, vamos parar um momento para descansar e aprender esse tal de futebol com a princesa miúda Maria Felipa de Barros.



## CENA 23 - CAMPO DE FUTEBOL IMPROVISADO -EXTERIOR - DIA

Mafê, tentando ensinar, organizar e jogar futebol com a comitiva, a Guarda, Raphael, D Pedro e Chalaça de goleiro. Eles usam uma bola improvisada de tecido e pedaços de couro.

Mafê acerta Chalaça em cheio no meio das pernas. Com a dor ele larga a bola deixando entrar na goleira improvisada. Mafê faz gol em Chalaça.

Mafê sai correndo comemorando e gritando Gol!!!!

Todos gritam gol, até o time adversário.

D Pedro I comemora carregando Mafê no colo e jogando para cima.

Segue um clip com várias cenas desse hilário futebol; o Padre escondendo a bola na batina, os soldados usando a espada para interceptar a bola e Mafê fazendo muitos gols. Pedro sai carregando a bola.

D.PEDRO I

Pois, vamos parar. Afinal já está sete a um!

## CENA 24 - BEIRA DA ESTRADA - EXTERIOR - DIA

Todos sentados descansando à beira da estrada.

CHALAÇA

(Chalaça fala para Mafê.)

Pois me acertastes em cheio miúda! Mas já que és vidente, diga-me: o que vai acontecer comigo no futuro? E quando eu não estiver mais aqui, serei lembrado como o grande Chalaça, melhor amigo de D. Pedro?

Mafê vira e fala só para Raphael.

MAFÊ

Como o maior puxa-saco de D Pedro, isso sim!

CHALAÇA

O que foi?

MAFÊ

Será o maior amigo de D. Pedro para sempre, até em Portugal quando D Pedro se tornar Rei de lá, eu vi na novela.

D.PEDRO I

Eu serei Rei de Portugal? Mas o futuro é cheio de Maravilhas. Precisarás contar essas coisas todas para Maria Leopoldina e seus amigos cientistas da missão austríaca.

MAFÊ

Mas nem tudo foi tão maravilhoso assim, não! Você mesmo, Dom Pedroca, tem a maior fama de autoritário cruel, entre outras coisas piores. Que eu que como dizem lá onde eu moro: "não vou falar agora pra tu na tua cara".

Eu só contei coisa boa, estava querendo animar a viagem. Aconteceram coisas terríveis nesses últimos 200 anos.

Mafê fala das Guerras, do Nazismo, da perseguição contra os negros, dos anos de ditadura, da fome, das queimadas na floresta amazônica, da poluição, dos desastres ecológicos, da Pandemia, das enchentes e dos últimos deslizamentos na cidade de Petrópolis.

MAFÊ

(Fala com lágrimas nos olhos, mas sem chorar)

Lá onde a gente mora em Petrópolis houve um deslizamento de terra e nossa casa desabou. Eu estava no meu colégio, minha mãe estava no trabalho. Minha vó estava em casa sozinha. A nossa casa era em um morro, veio a chuva e levou várias casas inclusive a minha com a minha avó dentro. Ela morreu.

Todos continuam o caminho em silêncio.

CENA 25 - ESTRADA NO RIO DE JANEIRO - EXTERIOR- DIA

Quando chegam no Rio de Janeiro, eles estão todos cansados, mais parecendo um exército de esfarrapados e sujos do que uma comitiva real.

D.PEDRO I  
Olhe lá na Frente, Mafê. É a Quinta da Boa Vista, o Palácio Real. Chegamos! Quem mora lá em 2022?

MAFÊ  
Eita que pegou fogo!

D.PEDRO I  
Não existe mais?

MAFÊ  
Eles estão recuperando. É um museu, mas muita coisa se perdeu.

CHALAÇA  
Alteza, como já chegastes em segurança, seguirei para o Paço Real, para despachar os preparativos do anúncio da Independência.

MAFÊ  
Vou sentir saudades Chalacinha, mas vê se deixa de ser machista, bobo e puxa saco, por favor.

CHALAÇA  
Miúda, adoro essa tua petulância, dá vontade de matar-te. Mas agora vem dar-me um braço de despedida, sua miúda abusada.

D.PEDRO I  
Despedida? Pois vais levar a miúda na fazenda do Padre Corrêa, e aí de vós se acontecer alguma coisa com a princesa Maria Felipa no caminho.

CHALAÇA  
Mas a miúda não vai voltar para casa no século XXI? Maria Felipa, D. Pedro ainda não acredita nesta tua história de viagem no tempo. Percebes?

Mas, mesmo assim, venha cá princesa do século XXI. Dá-me um abraço neste teu burrico Chalacinha.

Os dois se abraçam.

MAFÊ

(falando para Pedro)

Dom Pedroca, eu preciso mesmo voltar para o futuro, vou sentir saudades de vocês, especialmente do Raphael. Ele foi pra mim um anjo. Meu Anjo Negro!

D.PEDRO I

O Raphael estará onde eu estiver ou os meus herdeiros. Sou muito grato a ele, e depois desta viagem será meu eterno escudeiro. Se Deus quiser cuidará de meus filhos.

MAFÊ

Tá vendo Raphael, tu ainda vai acabar em Petrópolis lá onde, na minha época, fica o Museu Imperial. Vai conhecer o Palácio Imperial de Petrópolis melhor do que eu, que só vou lá visitar com a escola.

RAPHAEL

Tenho certeza de que, de alguma maneira, ainda iremos nos encontrar, pequena Orunmilá.

Ka ríba tí ÿe!

MAFÊ

O que significa Ka ríba tí ÿe?

RAPHAEL

Que nossos caminhos se abram!

Os dois se abraçam forte.

Pedro e Mafê seguem para o palácio.

MAFÊ

D. Pedroca, agora vou precisar da tua ajuda para eu ir pra casa.

D.PEDRO I

No palácio poderás tomar um bom banho de banheira enquanto as criadas limpam a tuas roupas. Depois apresentar - te

-

ei para a Princesa Maria Leopoldina ,  
nossa futura Imperatriz. Ela irá  
resolver vosso problema. Ela sempre  
resolve.

CENA 26 - PALÁCIO REAL DE SÃO CRISTOVÃO DA QUINTA DA BOA  
VISTA - INTERIOR - DIA

Pedro e Maria Leopoldina estão em uma sala do Palácio real,  
Mafê entra de banho tomado e com suas roupas limpas.

D.PEDRO I

Maria Leopoldina, essa é Maria Felipa.

MAFÊ

De Barros.

D.PEDRO I

Maria Felipa de Barros, a princesa do  
Século XXI!

MARIA LEOPOLDINA

É um grande prazer conhecer uma  
princesa do séc XXI. Pedro falou-me  
muitíssimo bem de você. Estou muito  
curiosa para saber. Pedro está  
convicto de que você veio realmente do  
Século XXI.

MAFÊ

Mas é verdade Dona Maria Leopoldina eu  
vim do século XXI.

Mafê fala para Maria Leopoldina sobre as invenções sobre as  
inovações tecnológicas, descobertas científicas e as mulheres  
importantes dos século XX e XXI e seus feitos como: Marie  
Curie, Malala Yousafzai, Anne Frank, Nadia Comaneci, Nise da  
Silveira, Irmã Dulce, Madonna, Greta Thunberg.

MARIA LEOPOLDINA

Que maravilha Maria Felipa. Você tem  
que escrever um livro sobre tudo isso.

MAFÊ

Agora eu só quero voltar para casa,  
para minha mãe e meus amigos. Minha  
professora deve estar preocupada. E  
para isso preciso muito da ajuda de  
vocês.

MARIA LEOPOLDINA

Então diga Maria Felipa, como poderemos ajudar?

MAFÊ

Na verdade, o maior problema é que eu perdi as pantufas que me trouxeram aqui. Tudo começou quando eu estava no Palácio Imperial, que no meu tempo do futuro é um Museu Imperial. E esse palácio que é um museu, foi a casa de veraneio de seu Filho D. Pedro II. E é perto da fazenda do Padre Correia, que virou o meu colégio.

MARIA LEOPOLDINA

Que maravilha! Quer dizer que, se eu compreendi, vou ter um príncipe herdeiro do trono Brasileiro? Que vidência boa essa Maria Felipa!

E a casa que Pedro quer tanto ter naquela região vai ser construída, e ainda vai virar casa de nosso filho e depois um museu?

MAFÊ

Sim, e pelo que a minha professora falou, o seu filho, D. Pedro II, vai ser um cara muito legal, vai gostar de ciência, filosofia e artes, que nem a senhora.

Bom, como eu ia contando:

Eu estava no museu no ano de 2022 quando vesti umas pantufas misteriosas que estavam expostas na sala dos trajes Majestáticos. Coloquei as pantufas e deslizei com elas pelo chão do museu, e por acidente fui de encontro ao quadro da proclamação da Independência, e com as pantufas mágicas atravessei o quadro, e acabei lá na cena, exatamente onde D. Pedro estava. Foi quando o conheci, nas margens do Riacho Ipiranga.

MARIA LEOPOLDINA

Então fizeram um quadro desse dia? E como eram essas pantufas?

MAFÊ

Sim, mas o quadro ainda vai ser encomendado. E as pantufas tinham um braço da família de Dom Quixote bordado. A Professora disse que poderiam ser as Pantufas de D. Pedro criança.

MARIA LEOPOLDINA

Acho que sei quais são essas pantufas! Acredito que estas sejam as Pantufas de Carlota, mãe de Pedro. Carlota Joaquina é Espanhola e sempre gostou muito da história de D Quixote. O autor é Cervantes que também é Espanhol. Quando ela foi embora do Brasil para Portugal entregou-me estas pantufas para eu dar para o meu futuro filho e herdeiro da coroa. Carlota era pequena e tinha pés de criança. Acredito que sejam estas as pantufas que estais a buscar.

D.PEDRO I

Aliás a minha mãe não levou nenhum dos vossos muitos sapatos. Deixou-os todos no Brasil.

MARIA LEOPOLDINA

A minha sogra é uma figura hilária. Ela falou-me alguma coisa sobre essas pantufas serem mágicas. Eu não lhe dei muita atenção, porque ela é um tanto exagerada. Pois na época contou-me que também tinha entrado dentro de um quadro com as pantufas, e era um quadro com uma paisagem da Espanha, e ela acabou em um mundo de homens e mulheres cabeludos que se trajavam com peles e caçavam bichos enormes e dentuços. Um desses homens, que mais parecia um bicho, levou-lhe para dentro de uma caverna pelos cabelos. Pois foi nessa caverna que ela conseguiu voltar, atravessando a parede de pedra que tinha uns sinais desenhados. Ela contava esta história e dizia que tinha sido conduzida pela coragem de Dom Quixote pelas paredes da história. Essa minha sogra, é muito divertida.

MAFÊ

Hum, sei! Carlota deve ter parado nos tempos das cavernas.

MARIA LEOPOLDINA

Como?

MAFÊ

Nada, nada, não. Então, posso ver, por favor, essas pantufas?

MARIA LEOPOLDINA

Claro minha querida, vou buscar.

D.PEDRO I

Minha mãe Carlota Joaquina gostava muitíssimo de D. Quixote. No palácio de Queluz onde morávamos em Portugal, tinha uma sala toda com desenhos dos episódios das aventuras do personagem de Dom Quixote. Eu, inclusive, nasci nesta sala.

MAFÊ

(ENTUSIASMADA)

Eu sei, eu sei. Foi onde o príncipe nasceu e onde ele morreu.

Mafê percebe o que falou.

D.PEDRO I

Mafê , eu vou morrer lá? Eu adoro o Brasil, me sinto um brasileiro. Mas meu coração sempre esteve em Portugal. Vou morrer velho Rei de Portugal, então?

MAFÊ

(na saia justa)

Seu coração vai ficar por lá mesmo. Não sei direito porque para cada época a velhice é diferente. No século XXI as pessoas vivem mais de 100 anos.

Maria Leopoldina chega na sala com as Pantufas nas mãos.

MAFÊ

(entusiasmada)

São essas. São iguaizinhas. Como pode? Eu perdi no riacho!



Mafê fica pensativa

Mas pensando bem, acho que a que eu perdi veio do futuro e essa é a do passado. E eu tenho que levar para lá e devolver para o museu.

Pedro e Maria Leopoldina ficam ouvindo sem entender nada.

D.PEDRO I

Preciso ir para o Paço real trabalhar, tenho muita coisa para resolver, agora que serei o Imperador do Brasil.

E miúda, trate de me esperar. Pois fique cá com Maria Leopoldina!

MAFÊ

Dom Pedroca, agora com essas pantufas e nesse palácio, acho que poderei voltar para a minha casa.

D. PEDRO I

Terei saudades, mas espero que consigas. Pois então dá-me um abraço miúda.

Mafê abraça Pedro.

MAFÊ

Cuide de Maria Leopoldina e trate bem as pessoas. E principalmente as mulheres!

D.PEDRO I

Eu adoro as mulheres! Se fiz algumas coisas erradas, quero desculpar-me cá, na frente de duas grandes mulheres, e se a miúda realmente conseguir voltar para casa, por favor, fale para o povo brasileiro do séc XXI que eu gostaria muito de pedir-lhes perdão por não ter sido um bom homem!

Pedro sai.

MAFÊ

Dona Maria Leopoldina, está faltando só uma coisa para eu conseguir voltar para casa, eu ainda preciso achar um quadro, uma pintura da região da

fazenda do Padre Correia. Assim eu teria os três elementos que me trouxeram aqui. Estar em um palácio vestindo as pantufas e me atirar na parede com um quadro do local para onde devo voltar. Espero que funcione. Pelos filmes que assisti, a lógica é sempre essa. Ou vou me esborrachar na parede, como dom Quixote nos moinhos.

MARIA LEOPOLDINA

Eu tenho uma litografia que ganhei do meu amigo Johann Baptist Von Spix, da missão Austríaca, e está naquela parede ali. É uma paisagem da floresta onde ficava a aldeia dos índios coroados no Córrego Seco, perto da fazenda do Padre Corrêa.

Maria Leopoldina aponta para o outro lado da sala e as duas vão dirigindo-se para um pequeno quadro na parede.

MAFÊ

Córrego Seco é onde fica hoje o museu Imperial. Eu acho que serve para voltar. Vou tentar. Acho que agora tenho as condições certas.

MARIA LEOPOLDINA

Antes de tentar partir, fale-me por favor o que aconteceu com os indígenas. Esse povo originário da terra brasileira. Vamos conseguir resolver a questão da abolição e dos povos indígenas do Brasil? Isso me entristece e me preocupa.

MAFÊ

Na minha época ainda tem extermínio de indígenas e crueldade com os negros.

Isso é um problema no Brasil. Continuam roubando as poucas terras das populações indígenas.

Sua neta, a princesa Isabel, vai assinar a abolição, mas não vai adiantar muita coisa. Até hoje no Brasil muitos negros vivem na pobreza e tem sua dignidade e humanidade desrespeitadas. A vida da minha avó

foi roubada pelo descaso com a população negra e pobre brasileira. Eu quero muito fazer alguma coisa para mudar e melhorar esse mundo em que eu vivo. Por isso quero ser jornalista, para colocara boca no mundo.

MARIA LEOPOLDINA

(triste)

Mafê, que triste o Brasil ainda passar por estes problemas. Mas, eu vou ter uma neta, Isabel, que vai ser abolicionista, que maravilha! Mas a escravidão perdurar depois da Independência, é uma grande derrota, a escravidão é um dos maiores crimes da humanidade.

MAFÊ

Os Brasileiros saberão que a Imperatriz era contra a escravidão e que praticamente foi quem decretou a Independência. No museu Imperial tem a pena de ouro com que a Princesa Isabel assinou a abolição um pouco antes da monarquia acabar. Aliás, a pena é lindona!

Maria Leopoldina vai até a mesa e pega uma caneta de pena.

MARIA LEOPOLDINA

Essa foi a pena que escrevi a carta pedindo a independência a Pedro, e tenho assinado todos os decretos na ausência dele com esta pena. Tento fazer o melhor pelo Brasil, que já tanto amo. Confesso que tenho minhas limitações e defendo meus interesses, sou uma monarquista. É como fui educada. Acreditar na monarquia, é no que acredito. Mas tome essa pena de presente, ela não é de ouro, mas acho que vai servir para você escrever as suas histórias e assinar muitos decretos importantes para o Brasil. Afinal, D. Pedro decretou você a princesa do século XXI, certo?

MAFÊ

Que linda, obrigada! Eu acredito no povo, no poder de um país. Prometo

reescrever uma nova história de um  
Brasil mais justo.

Mafê levanta a caneta de pena  
repetindo o mesmo gesto do grito do  
Ipiranga.

MAFÊ

Viva as princesas do século XXI!!!!

Dona Maria Leopoldina sorri cúmplice do gesto de Mafê e  
aplaude.

MARIA LEOPOLDINA

Essa é a sua soberania.

Mafê coloca a pena atrás no cós da saia, do outro lado de  
onde já está o celular quebrado.

Maria Leopoldina abraça a menina. As duas ficam um tempo  
abraçadas

MAFÊ

Adeus imperatriz!

Mafê pega uma reta e vai com tudo na direção do quadro. A  
figura holográfica de Dom Quixote e seu cavalo reaparecem na  
frente da menina atravessando o quadro e abrindo os caminhos  
da parede da história.

Surgem imagens icônicas de acontecimentos da história do  
Brasil como: a Proclamação da República, a Passeata dos Cem  
Mil, a Passeata indígena em Brasília, o protesto Vidas Negras  
Importam em todo o Brasil até os últimos protesto pela  
democracia. D Quixote rompe a última parede caindo na sala do  
Museu Imperial e desaparece no interior do museu com seu  
cavalo.

CENA 27 - MUSEU IMPERIAL SALA DA INDEPENDÊNCIA- INTERIOR -  
DIA

Mafê está na sala da Independência do Museu Imperial, caída  
no chão e desmaiada na frente da parede do quadro "A  
proclamação da Independência", do francês François-René  
Moreaux, que continua intacto.

A professora Leda está abaixada no chão, tentando acordá-la  
com o segurança André e toda a turma do colégio a sua volta.  
Mafê abre os olhos e a primeira coisa que vê é a cara da  
Professora Leda chamando o seu nome:

PROFESSORA LEDA  
Mafê, Mafê... acorda, acorda! Você está bem, está sentindo alguma coisa?

Mafê olha para a cara da professora e fica confusa achando que é Maria Leopoldina .

MAFÊ  
Dona Maria Leopoldina!

PROFESSORA LEDA  
Que Maria Leopoldina , Mafê? Sou eu, Leda, sua professora. Você está me vendo?

MAFÊ  
Prof Leda! Consegui voltar?

PROFESSORA LEDA  
Ainda bem que você acordou. Você deve ter batido com a cabeça, deslizando com as pantufas.

O segurança André aproxima-se um pouco, constrangido, com o celular de Mafê na mão.

SEGURANÇA ANDRÉ  
Esse celular deve ter caído dela, na hora do impacto.

Menina você está bem?  
(André falando para a professora)  
Ela estava fugindo de mim. Quando entrei aqui, já estava caída no chão. Vou chamar o Brigadista Luís, que é enfermeiro, para dar uma olhada nela.

Professora Leda pega o celular.

PROFESSORA LEDA  
Pode deixar que eu guardo esse aparelho todo quebrado. Tá vendo isso, Mafê!

Mafê vai se levantando, hiper entusiasmada.

MAFÊ  
Estou ótima, vocês não vão acreditar, fiz uma viagem no tempo e fui parar na proclamação da Independência, às margens do Ipiranga, e conheci Dom

Pedroca, Dona Maria Leopoldina e.....

Professora Leda interrompe.

PROFESSORA LEDA

Pode parar mocinha, primeiro você tem que devolver essa pantufa para o Museu. E esse celular não deveria estar nem aqui. Olha só, acabou quebrando com a sua queda.

MAFÊ

Não, foi o tio Chalaça que quebrou!

Professora Leda se vira para André

PROFESSORA LEDA

Ela deve estar confusa mesmo. Você está se sentindo bem, Mafê?

MAFÊ

Estou ótima!

Tá bom, desculpa. Eu não deveria ter pegado essas pantufas.

Mafê as devolve para o segurança André.

MAFÊ

Cuidado elas são mágicas!

O brigadista Luís entra na sala, e Mafê sai correndo e o abraça.

(Luís, o brigadista é o mesmo ator que fez o Raphael)

MAFÊ

Raphael, Raphael você veio também.

BRIGADISTA LUÍS

Querida, que bom que você está bem. Eu não sou o Raphael, sou Luís. Soube do acidente dentro do museu. Preciso te examinar e conversar com você.

PROFESSORA LEDA

Desculpe, acho que ela bateu com a cabeça e está assim, meio desnorçada.

MAFÊ

Eles não estão querendo acreditar em mim, mas eu viajei para o passado, e você estava lá, era um amigo que conheci no Riacho Ipiranga.

BRIGADISTA LUÍS

Calma, você deve ter ficado impressionada com tudo o que viu no museu. Bateu com a cabeça e teve uma espécie de alucinação, é raro, mas acontece.

Luis coloca uma lanterna nos olhos de Mafê e faz um exame superficial.

BRIGADISTA LUÍS

Parece que está tudo bem com ela, mas tem que levá-la ao hospital para ver um médico e fazer alguns exames.

PROFESSORA LEDA

Vou ligar para a mãe dela. Deixo a turma no colégio e eu mesma levo ela para o posto.

MAFÊ

Não importa que vocês não acreditem. Para mim foi real.

BRIGADISTA LUÍS

Se aconteceu só na sua cabeça ou se você realmente viajou no tempo, isso provavelmente nunca saberemos. E se isso foi real para você, de alguma maneira foi real.

Luís pisca para a professora Leda.

Mafê abraça Luís.

MAFÊ

Obrigada Anjo negro!

BRIGADISTA LUÍS

Pequena, siga em paz o seu caminho.

Pisca para Mafê.

## CENA 28 - FRENTE DO MUSEU - EXTERIOR - DIA

Mafê, a professora e a turma saindo do museu.

PROFESSORA LEDA

Mafê, você não podia ter pegado as  
Pantufas do Museu. O que deu em você?

MAFÊ

Desculpa prof, essas pantufas quase me  
colocaram em encrenca. Estava com medo  
de não conseguir voltar para casa.  
Descobri que, na verdade, elas eram da  
Carlota Joaquina que tinha pé pequeno.  
Era para dar para o D. Pedro II.  
Devolvendo agora para o museu, acho  
que de alguma forma consegui devolver  
para ele.

PROFESSORA LEDA

(preocupada com Mafê)

Lá vem você com essa história! Você  
está bem? Está se sentindo bem?

MAFÊ

Eu estou ótima! A senhora não acredita  
mesmo em mim, né prof?

PROFESSORA LEDA

Eu acredito que você pense que é  
verdade e que esteja confusa. Você é  
muito criativa, isso é ótimo, mas sem  
exageros, né? E por hoje chega de  
aventuras.

## CENA 29 - ÔNIBUS - INTERIOR - DIA

Mafê e a Professora entrando no ônibus, e todas as crianças  
já estão lá dentro para ir embora do Museu Imperial.

PROFESSORA LEDA

Mafê, vai sentar e por favor comporte-  
se, vou ficar de olho em você.

MAFÊ

Eu queria que você acreditasse. Já  
pensou uma coisa prof: como é que eu  
poderia já ter conhecido o Raphael,  
quer dizer, o Luís brigadista? E a  
Pantufa que eu trouxe não é a mesma,



aquela...

Mafê olha a cara da professora e desiste.

É, não tem jeito de a senhora acreditar. Meu celular quebrou, e eu não tenho como provar pra vocês.

PROFESSORA LEDA

Claro que quebrou, você caiu o maior tombo com as pantufas quando bateu na parede. Ainda bem que não furou o quadro, imagine só!

Mafê desiste vai até o seu lugar, se joga desanimada no banco do ônibus e sente alguma coisa espetar as suas costas.

MAFÊ

Ai!

Mafê, que já tinha esquecido que ganhara a pena de Dona Maria Leopoldina, percebe que foi espetada por algo, coloca a mão no cós da saia e acha a pena que a Imperatriz havia lhe dado de presente. Mafê tira a pena do cós da saia levanta fazendo o gesto do grito do Ipiranga.

MAFÊ

(grita)

Prof !!!!!

CENA 30 - PALÁCIO REAL DA QUINTA DA BOA VISTA -INTERIOR - DIA

Maria Leopoldina procura a Mafê atrás do quadro, batendo na parede e colocando o ouvido, na esperança de ouvir algo.

MARIA LEOPOLDINA

Maria Felipa, Maria Felipa  
Barros?Princesa do Século XXI, você  
está aí?

CENA 31 - ÔNIBUS ESCOLAR- INTERIOR - DIA

Mafê com a pena em primeiro plano e atrás seu rosto sorrindo!

Fim

Entram créditos sobre a imagem do ônibus indo embora do museu e as crianças, inclusive Mafê, cantando o Hino da Independência em ritmo de hip hop e fazendo a maior bagunça.